

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A IDADE DO BRONZE ATLÂNTICO NO SUDOESTE DA EUROPA.

SAVORY, H. N.

Ano: 1951 | Número: 61

Como citar este documento:

SAVORY, H. N., A Idade do Bronze Atlântico no Sudoeste da Europa. *Revista de Guimarães*, 61 (3-4) Jul.-Dez. 1951, p. 323-377.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A Idade do Bronze Atlântico no Sudoeste da Europa (*)

POR H. N. SAVORY, D. Phil., F. S. A.

Da Secção de Arqueologia do Museu Nacional do País de Gales

Uma tentativa de revisão do último período da Idade do Bronze na Península Ibérica, poderá parecer empresa arrojada, em presença das numerosas contribuições que ao assunto já têm sido prestadas, nos últimos anos, pelos arqueólogos espanhóis e portugueses, e ainda em face da circunstância de a última guerra civil de Espanha ter impedido o autor, quando

(*) Damos, no presente tomo da *Revista de Guimarães*, a versão portuguesa deste importante artigo do Doutor Savory, do Museu Nacional de Gales, que sob o título *The Atlantic Bronze Age in South-west Europe*, publicou em 1949, nas Actas da Sociedade de Pré-história, de Cambridge, («Proceedings of the Prehistoric Society», vol. XV, 128 ss.). Há muito já que o ilustre cientista nos havia autorizado a publicação em português deste seu notável trabalho, mas a acumulação de outros originais, anteriormente recebidos nesta Redacção e também destinados à nossa Revista, não permitiu mais cedo a inclusão do artigo de Savory, aliás de acentuado interesse para o conhecimento da Cultura peninsular nesse período, ainda tão obscuro, da última fase da Idade do Bronze.

Recentemente, veio a lume em Espanha um outro trabalho da mesma índole, mais amplo e de ordem mais geral — *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispánica en la Edad del Bronce* (Madrid, 1951), do irlandês Dr. Eoin MacWhite, editado pelo Seminário de História Primitiva del Hombre, da Universidade de Madrid, cujas conclusões coincidem em parte com as do Prof. Savory. É sumamente apreciável e útil o interesse que aos Arqueólogos ingleses e irlandeses, como Childe, Piggott, Hawkes, Savory, Powell, O'Riordain, MacWhite e outros, tem merecido, nos últimos tempos, o estudo das relações atlânticas da Península Ibérica, especialmente da região do Noroeste com as Ilhas Britânicas, nesse período florescente da metalurgia do bronze, ainda tão insuficientemente esclarecido, bem como dos contactos de comércio e influências culturais, naquela época recebidas das costas ocidentais da França, designadamente da Bretanha, do Loire, e da Gironde.

O interesse dos autores ingleses por este período da Pré-história da Península encontrou eco em Espanha, onde o assunto tem sido também magistralmente tratado pelo brilhante núcleo de investigadores actuais do país vizinho. Juçamos, portanto, da maior oportunidade, visto que tão pouco conhecida é ainda entre nós a actual bibliografia arqueológica inglesa, a inclusão do presente artigo no orgão da Sociedade Martins Sarmento.

(Nota do trad.)

estudava Arqueologia ibérica com MacIver, de percorrer este país. De facto não teríamos a veleidade de nos abalancharmos a uma revisão desta natureza, se a publicação recente de livros magnificamente ilustrados e de artigos dos arqueólogos espanhóis não tivesse tornado o nosso trabalho, apesar de elaborado a distância, um pouco menos árduo. Todavia, o itinerário que desde 1936 a 38 as condições políticas europeias nos permitiram percorrer (Portugal em primeiro lugar, depois o sudoeste da França, e por último a bacia do Ródano) serviu, pelo menos, para nos facultar um ponto de vista acerca do Bronze avançado no Sudoeste da Europa, talvez menos evidente para os arqueólogos que, de Madrid ou de Barcelona, consideram o problema com os olhos postos na Europa Central.

Há muito já que Luís Siret ⁽¹⁾ notara a lacuna tipológica existente na Península Ibérica entre os instrumentos de cobre e de bronze de feição primitiva, e os que parece representarem a segunda e última fase da indústria local do bronze. E deu a este facto a interpretação que muitos arqueólogos hoje reconhecem ser a mais aceitável, isto é — que a indústria da primeira Idade do Bronze, de El Argar, estacionou a dada altura, sendo substituída, numa época já relativamente tardia, por outra indústria que atravessara as primeiras fases da sua evolução em qualquer região diferente, mas que em breve adquiriu ali um forte carácter local. No seu *Esquema Paleontológico de la Península Iberica* ⁽²⁾, o Professor Martinez Santa-Olalla respeitou esta concepção. A sua Idade do Bronze ibérica decorre dentro de dois estádios — o *Bronze Mediterrâneo* e o *Bronze Atlântico* — o primeiro, percorrendo um trajecto de oriente e sul; o segundo vindo de norte e oeste. Mas, apesar de muitos arqueólogos espanhóis seguirem actualmente Martinez Santa-Olalla, admitindo para o Bronze avan-

⁽¹⁾ *Questions de Chronologie et d'Ethnographie Ibériques*, p. 420 ss.

⁽²⁾ 2ª edição, Seminario de Historia Primitiva del Hombre, Madrid, 1946.

çado uma direcção e influências culturais provenientes do norte, persiste ainda uma notável divergência entre os pontos de vista de Martínez Santa-Olalla, acompanhado dos seus adeptos, e os conceitos há muito tempo desenvolvidos por Bosch-Gimpera, na parte respeitante à cronologia e ao mecanismo do processo que produziu o contraste cultural a que aludimos.

Consideremos em primeiro lugar a cronologia: ao passo que para Bosch-Gimpera o período final da Idade do Bronze em Espanha teve lugar entre 1200 e 900 a. C. (1), Martínez Santa-Olalla admite duas fases para o seu *Bronze Atlântico* ou final, decorrendo a primeira desde 1200 a 900 a. C., caracterizada pelos machados de talão (*palstaves*), quer de uma só aselha lateral, quer de duas, enquanto que para a segunda fase fixa a data de 900 a 650 a. C., considerando-a caracterizada pelo uso das espadas. Relativamente ao mecanismo: Bosch-Gimpera parece admitir que não houve influências estranhas na sua Idade do Bronze final e engloba todas as fases sucessivas da imigração céltica numa teórica Primeira Idade do Ferro (2), que na realidade abrange a segunda fase do *Bronze Atlântico* de Martínez Santa-Olalla. Este último e a sua escola, por outro lado, atribuem os grupos de cerâmica considerada exótica e introduzida na Meseta (que Bosch supõe devida a uma segunda onda de imigrantes celtas, durante o período de Hallstatt) a invasores pré-celtas, pertencentes especialmente ao povo dos «túmulos» da Idade do Bronze da Germânia ocidental: para esses investigadores os machados de talão e as espadas seriam igualmente produtos de invasões pré-célticas, indo-europeias, da Cultura dos «túmulos» da Europa Central, atribuindo apenas aos Celtas as adagas ou punhais de antenas, do Hallstatt recente, e outros protótipos característicos da indústria ibérica do Ferro.

(1) Pedro Bosch-Gimpera, *La Formación de los Pueblos de España*, México, 1945, p. 102 ss.

(2) Bosch-Gimpera, *Two Celtic Waves in Spain*, Oxford, 1939.

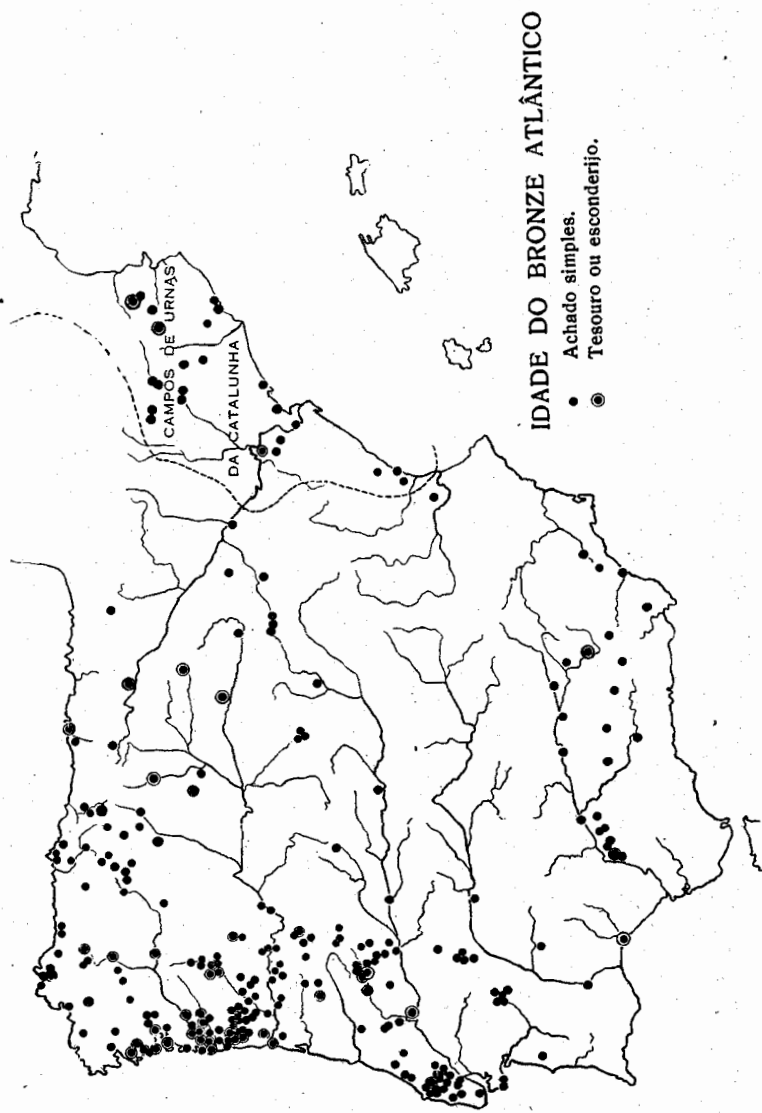


Fig. 1 — Mapa da distribuição de instrumentos do Bronze Atlântico

No presente estudo dirijo a minha atenção unicamente para os aspectos arqueológicos do problema.

A principal dificuldade que deu lugar a tão profunda divergência de concepções sobre o último período do Bronze ibérico resultou evidentemente da escassez de sepulturas e povoados com autênticos núcleos de instrumentos característicos do Bronze, associados a cerâmica. Os arqueólogos britânicos encontram-se em face de um problema idêntico, mas na Península Ibérica acresce realmente a dificuldade de serem muito raros os «esconderijos» ou «entesouramentos» (1), onde se encontrem conjuntos de bronzes especificamente diferenciados, circunstância esta que não permite fixar com segurança uma evolução tipológica do género da que Martínez Santa-Olalla tentou estabelecer. De modo que não só têm sido encontrados reunidos machados de talão de uma e duas aselhas, como igualmente apareceram espadas completas ou fragmentos — a maior parte delas do tipo chamado de «língua de carpa», ou de «gota de cebo» — associadas a machados de talão de uma aselha, no esconderijo espanhol de Hio (Pontevedra), nos de Ervedal e Porto do Concelho, em Portugal, e no do Monte Sa Idda, na (Sardenha) (2), o último dos quais continha espadas de «língua de carpa» com chanfros circulares laterais (*ricassos*) no alargamento junto à base do punho, fazendo lembrar os olhais correspondentes dos punhais de antenas da Galiza, do Hallstatt recente (3). Há, porém, ainda, sem dúvida alguma, outras razões para admitirmos que os machados de talão com dupla aselha continuaram a ser fabricados no Noroeste da Ibéria muito depois do século IX a. C.. Siret (4) apontou sagazmente a semelhança entre as faces da folha de alguns machados de dupla aselha e as de certos machados de alvado do Noroeste da Europa. É igualmente significativo o facto de a distribuição na Península de

(1) Vide Apêndice, p. 52-53.

(2) *Bulletino di Paleologia Italiana*, XLV, p. 218, est. IX, X.

(3) *L. c.*, est. X, 3; *Ampurias*, II, p. 105, fig. 23.

(4) *Ib.*, p. 349, fig. 130.

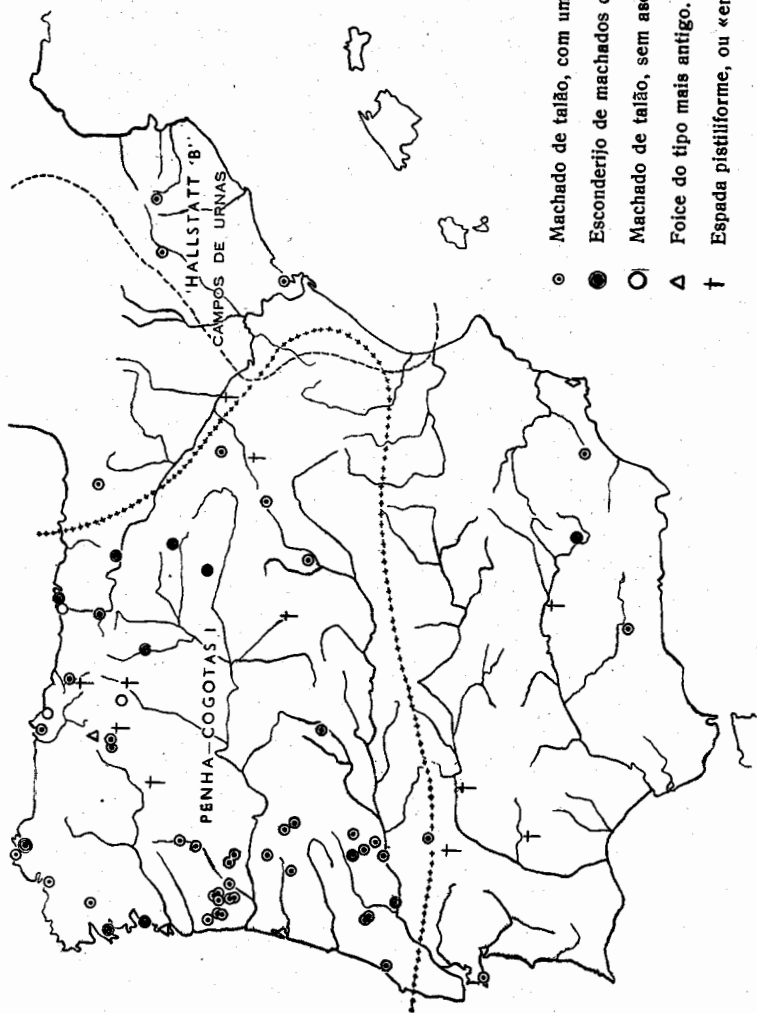
instrumentos de bronze de tipos nitidamente ibéricos (fig. 3) evidenciar maior aglomeração na zona ocidental do que a de tipos menos localizados (fig. 2). É evidente que os primeiros foram fabricados numa área relativamente pequena — a maioria dos machados de talão com dupla aselha, nas proximidades dos estuários do Minho, Lima e Douro; os de alvado com dupla aselha e os de talão com uma das faces plana, principalmente no centro de Portugal — não tendo havido comércio desses objectos precisamente nas zonas da Península onde, anteriormente a outras, se desenvolveu a indústria post-hallstática ibérica do Ferro. Os tipos de evolução local, provenientes das áreas em maior estado de atraso, são característicos dos últimos tempos dos fundidores da Idade do Bronze — contemporâneos dos nossos tipos de machados de alvado, do sul do País de Gales e do Yorkshire (1).

Igualmente característicos do extremo Noroeste são os numerosos esconderijos de machados de talão, todos geralmente do tipo de aselha dupla (fig. 3). Muitos desses esconderijos contêm exemplares com os cabeços ou cones de fundição ainda aderentes (fig. 6, n. 3), não tendo podido desse modo servir de machados, se é que tal apêndice não indica precisamente que se destinavam a outro uso; nalguns deles a análise química revelou uma elevada percentagem de chumbo, associado ao cobre e ao estanho. Siret (2) afirmou, de um modo convincente, que tais instrumentos deviam ter sido objectos votivos, propositadamente fabricados de modo a não serem utilizados pelo homem. Este fenómeno repete-se durante o último período da Idade do Bronze de outra região — a Bretanha, onde os esconderijos de machados de alvado, do chamado tipo «bretão», contendo uma grande quantidade de chumbo, parece pertencerem ao período de transição do Bronze para o Ferro, correspondente à nossa Idade do Ferro-A (3).

(1) *Ant. Journ.*, 1939, p. 390, est. LXXXI; *Proc. Preh. Soc. E. Anglia*, 1933, p. 104, est. IX.

(2) *Ib.*, p. 352 ss.

(3) *Bull. Soc. Pol. Morbihan*, 1913, p. 17 ss., t.à.p.



- Machado de talão, com uma aselha.
- Esconderijo de machados de talão de aselha única.
- Machado de talão, sem aselhas.
- △ Foice do tipo mais antigo.
- † Espada pistiliforme, ou «em forma de folha».

Fig. 2 — Cultura do Noroeste : *Primitiva fase*

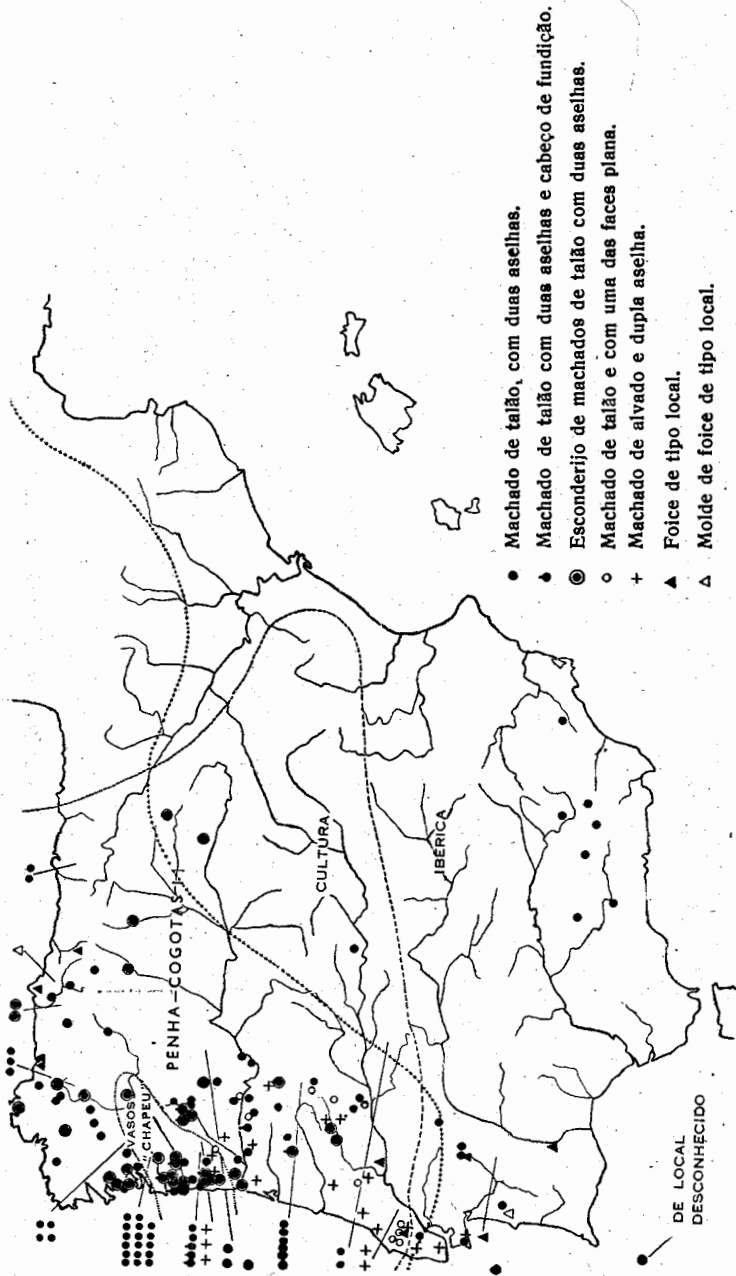


Fig. 3 — Cultura do Noroeste: Segunda fase

Um golpe de vista sobre o mapa da distribuição dos achados do Bronze Atlântico (fig. 1) ajudará a esclarecer as dificuldades que os arqueólogos espanhóis encontram com respeito à origem cultural dos mesmos. Ressalta um forte contraste na densidade desses achados se comparamos a zona do Noroeste com a do Sudoeste, onde a velha Cultura argárica (*Bronze Mediterrâneo*) teve o seu centro de gravidade; contraste idêntico se nota, embora em menor escala mas ainda bem nítido, entre o número dos achados no Noroeste e o da região do Nordeste, na qual parece ter ficado confinada a Cultura catalã dos «campos de urnas», representativa, sem dúvida alguma, da imigração de elementos vindos dos Alpes ocidentais, no período de Hallstatt-B, talvez por volta do séc. VIII a. C. Não é portanto de estranhar que Martinez Santa-Olalla, Pericot e Almagro lancem as suas vistas, com respeito ao aparecimento em Espanha de elementos forâneos do final da Idade do Bronze, para qualquer outra origem diferente da Cultura catalã dos «campos de urnas»; e a hipótese de que a indústria dos machados de talão, da primeira fase do Bronze Atlântico, derivou da indústria do Bronze Médio do ocidente da Europa Central, anda de mãos dadas com a hipótese de que a cerâmica incisa e incrustada dos povoados dos montes da Meseta (a qual parece preencher a lacuna entre o material do começo do Bronze e o dos *castros* e necrópoles da Primeira Idade do Ferro) provém igualmente da cerâmica dos «túmulos do Bronze», do ocidente da Alemanha.

Esta especiosa doutrina só aparentemente é satisfatória, por isso que não entra em consideração com a grande lacuna tipológica existente entre os autênticos machados de talão do Bronze Médio, da região do Reno, e os machados de talão fortemente evolucionados da Ibéria; e, com respeito à cerâmica a inconsistência de uma tal doutrina ainda é mais flagrante.

Bosch-Gimpera e a sua escola defendiam o princípio de que a cerâmica incisa e incrustada das grutas e povoados dos montes da Meseta representa uma tradição do Neolítico indígena, do qual o vaso

campaniforme constitui o mais belo produto (1). Recentemente, Perez de Barradas (2) chamou a atenção para as afinidades existentes entre a cerâmica ornamentada com « falso relevo », das proximidades de Madrid, e a da Europa Central, registando Almagro (3) em seguida uma considerável representação de cerâmica « excisa » disseminada pela Meseta. Parte desta cerâmica constitui sem dúvida um grupo intruso, do período de Hallstatt, ou representa pelo menos a influência de elementos estranhos nas cerâmicas indígenas; mas Bosch e Martinez Santa-Olalla, em várias publicações recentes (4), tem mostrado tendência para identificar esse grupo, relativamente pequeno, com a grande massa da cerâmica dos povoados de altura, que representa, conforme a estratigrafia da Gruta de Somaén o demonstrou (5), a decadência da tradição da cerâmica de Ciempozuelos, durante o Bronze Médio e Final. Bosch pretende presentemente (6) fazer derivar a cerâmica conhecida pela designação de « cerâmica neolítica das grutas, do tipo de Boquique », da cerâmica do Hallstatt recente, de Hesse. Reportando-me ao que eu próprio tenho observado, devo porém dizer que nada encontrei, por exemplo, na cerâmica da estação portuguesa da Penha, (fig. 9) em Guimarães, que não pudesse considerar-se derivado de Ciempozuelos ou de outras tradições indígenas do início da Idade do Bronze; e, todavia, essas estações portuguesas, como a da Penha, Mairos, e outras onde apareceu cerâmica idêntica à da Penha, têm sido vulgarmente consideradas como núcleos exóticos, do « Bronze Atlântico » ou do período de « Hallstatt ».

(1) Ebert, *Reallexikon*, IV, p. 344 ss.

(2) *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, 1934, p. 223 ss. e *Anuario de Prehistoria Madrileña*, 1933-35, p. 73 ss. e 187 ss.

(3) *Ampurias*, I, p. 138 ss.

(4) *P. ex.*, Bosch-Gimpera, *Two Celtic Waves*; Martinez Santa-Olalla, *Esquema*, p. 68.

(5) Alberto del Castillo, *Cultura del Vaso Campaniforme*, ests. XXX-XXXI (estrato inferior), ests. XXXII-XXXIII (estrato superior).

(6) *L. c.*, p. 53 e 62, est. IV-V.

A verdade é que não podemos deixar de atender ao facto de um território tão vasto, como o que abrange o norte de Portugal, a Galiza, Astúrias, Leão e grande parte das Castelas, ser contudo extraordinariamente escasso em materiais procedentes de sepulturas ou de povoados, que seguramente possam atribuir-se a imigrantes vindos do Norte, durante o Bronze médio ou final; como não devemos esquecer que é precisamente nessa área que se encontra concentrada a maior quantidade dos instrumentos do Bronze Atlântico.

A CULTURA DO NOROESTE

Mas, seja como for, é evidente que a grande aglomeração no quadrante do Noroeste de objectos do Bronze Atlântico revela a exploração, em benefício de uma indústria local, dos jazigos de cobre dos Montes Cantábricos e do estanho da Galiza, norte de Portugal e Leão; e ainda que não restem dúvidas de que esta indústria tenha sido de inspiração estrangeira, os seus tipos característicos possuem um ar absolutamente local (fig. 6, n. 1-4). É, evidentemente, possível estabelecer uma separação formal entre os machados de talão, de uma ou duas aselhas, e os de alvado: isto é, entre os tipos do Ocidente da Europa e os caracteristicamente ibéricos, muito embora, como havemos de ver, a teoria de uma evolução tipológica assente por vezes numa base de artificiosas distribuições. O certo é que o estudo dos detalhes da forma e ornatos desses machados nos mostra que, na realidade, a maior parte deles, tanto dos primeiros como dos segundos, pertence à mesma indústria local; de facto, no Norte de Portugal, também se encontraram moldes de fundição de machados de uma aselha única. Siret ⁽¹⁾ apoiou a tese de Cartailhac, que afirmava deverem os machados de talão com dupla aselha ser encabados com o gume na posição transversa, para se utilizarem como enxós.

(1) *L. c.*, p. 344 ss.

Sendo assim, não há razão para contestar que os machados de talão de uma e duas aselhas tenham sido fabricados na mesma época, para fins diferentes, e como produtos de uma mesma indústria; e de facto, foram encontrados juntos machados dos dois tipos, num certo número de «esconderijos» espanhóis, como igualmente no esconderijo do Monte Sa Idda, na Sardenha (1). Os machados ibéricos de talão, quer de uma, quer de duas aselhas, apresentam na sua grande maioria uma forte nervura central, que desce pela face da folha a partir da base do talão, mostrando também alguns deles, na mesma zona, vestígios de uma saliência nos bordos. Conforme eu próprio já apontei (2), tais características aproximam mais estes machados dos exemplares das áreas costeiras francesas da Biscaia, do que dos do interior da França ou do ocidente da Alemanha. Por consequência, não temos necessidade de procurar a origem dos machados de talão ibéricos na Cultura dos «túmulos» da Idade do Bronze, da Europa Central; os seus protótipos imediatos ficam-nos muito mais à mão. Isto leva-nos a um remoçamento da data do início da indústria ibérica dos machados de talão, visto que o *floruit* da indústria biscaína francesa do mesmo tipo de machados é provavelmente muito posterior à Cultura dos «túmulos do Bronze».

É importante notar que a distribuição na Península dos machados de talão com aselha única revela, nas regiões da Galiza e Norte de Portugal, uma quantidade menor do que de exemplares de aselha dupla, registando-se, pelo contrário, na zona Cantábrica, numerosos locais onde se têm dado achados do primeiro tipo, região esta, onde apareceram também os poucos exemplares sem aselhas até agora encontrados na Península. É provável que a indústria ibérica dos machados de talão nascesse das relações de contacto entre a costa cantábrica da Espanha e a costa bis-

(1) *Bulletino di Paletnologia Italiana*, XLV, p. 218, est. IX.

(2) *Proceedings of the Prehistoric Society*, 1948, páginas 158 ss., fig. 5.

caíña francesa, relações estimuladas sem dúvida pela existência do cobre e do estanho nas Astúrias. Esta hipótese é tanto mais de aceitar quanto é certo terem aparecido no esconderijo de Huerta de Arriba, em Burgos, navalhas de barbear, com cabo e lâmina em forma de «folha de bôrd», do «tipo costeiro francês» (1), juntamente com machados de talão, de aselha simples e dupla. Em França esse tipo de navalhas foi achado em esconderijos contendo conjuntos que incluíam espadas de «língua de carpa». No referido esconderijo de Huerta de Arriba, apareceu também uma navalha de barba munida de cabo e com a folha rectangular, cujas analogias mais flagrantes vamos encontrar na fase II da necrópole de Agullana (Gerona) (2). Outra confirmação da hipótese supra encontrámo-la nas foices de lâmina lisa, procedentes de Leão e Pontevedra, talvez anteriores às foices mais vulgares do «tipo de Castropol» (fig. 6, n. 5 e 6), as quais constituem uma variante do tipo de «ridge button», de Fox, característico do Somerset (3) e considerado proveniente do estuário do Loire.

A observação do mapa da fig. 4 mostra-nos, por sua vez, que algumas das espadas «em forma de folha», ou pistiliformes, pertencentes ao pequeno número das aparecidas em toda a Península, são procedentes da área cantábrica. Um estudo das características destas espadas conduz a conclusões tão contrárias à hipótese da sua origem na Cultura dos «túmulos» da Idade do Bronze, como as que resultam de estudo semelhante relativo aos machados de talão. A espada de Sobrefoz (Astúrias) (fig. 6, n. 7) é um modelo típico das espadas pistiliformes espanholas, entre as quais se incluem os poucos exemplares aparecidos no sul. Apresenta essa espada, na parte inferior da lingueta, um alargamento em forma U invertido (∩); e tanto essa lingueta como o alargamento, com seus vasados, bem como a forma em

(1) Savory, *L. c.*, p. 159, fig. 5.

(2) P. 21, e *Ampurias*, VI, p. 122.

(3) *Arch. Camb.*, 1941, p. 148 s., figs. 3 e 6.

«cauda de peixe» da extremidade superior, mostram-nos que o protótipo imediato de tais espadas deve ser procurado somente nas regiões costeiras da França e do Noroeste da Europa, e não em qualquer outra região mais oriental. Isto é-nos confirmado pela formosa espada de Alhama de Aragão, que se encontrou acompanhada de uma ponteira de bainha em forma de língua, do tipo britânico (1), não obstante apresentar furos para rebites no alargamento da base do espigão ou lingueta. Que este grupo de espadas do tipo de «U invertido» parece não ser muito primitivo também se revela no facto de a espada de Sobrefoz ter sido achada juntamente com um punhal de bronze de evidentes afinidades com o Hallstatt recente (fig. 6, n. 8).

Outra indicação dos verdadeiros limites cronológicos da Cultura dos machados de talão do Noroeste é-nos fornecida pelos dois vasos hemisféricos, de bronze, do esconderijo de Huerta de Arriba, formados de chapas metálicas ligadas por meio de rebites, à maneira da técnica irlandesa. Martinez Santa-Olalla (2) faz referência a um caldeiro de tipo irlandês, procedente de Cabárceno (Santander), existente no Museu de Santander; é igualmente possível que alguns fragmentos metálicos aparecidos em Huelva e no esconderijo de Hio, contendo os deste último local cravos de cabeça cônica aderentes, pertencessem também a caldeiros. A influência irlandesa no conhecido achado da Ria de Huelva está seguramente confirmada por uma lança contendo na folha vasados em forma de meia lua; em apoio desta afirmação podemos citar ainda a opinião de MacWhite, a que adeante voltaremos a aludir, sobre determinadas lages sepulcrais do sudoeste da Ibéria contendo gravuras que representam escudos do tipo dos do Bronze final irlandês. Neste momento limito-me apenas a afirmar que os esconderijos de Huerta de Arriba e de Hio, com seus machados ibéricos de talão de uma só ase-

(1) *Ampurias*, II, p. 85 ss., est. VI.

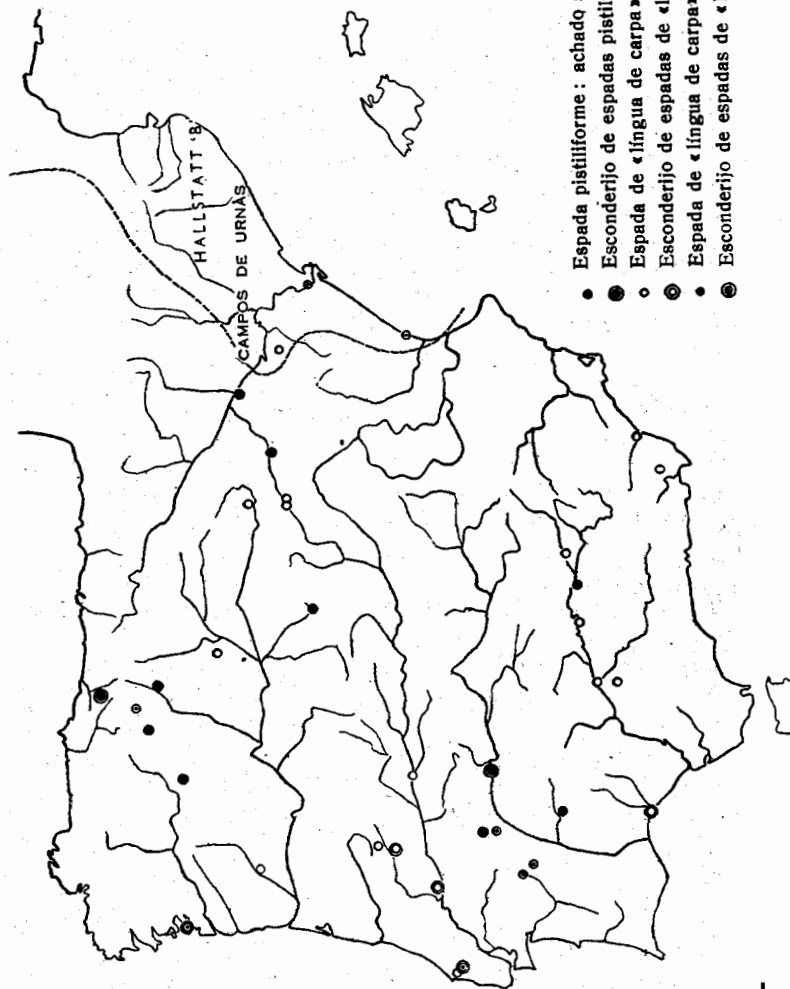
(2) *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, XVII, p. 163.

lha, estabelecem a ligação da Cultura dos machados de talão do Noroeste com uma fase de contacto comercial entre a Península Ibérica, as Ilhas Britânicas e a Bretanha, cujo início dificilmente pode situar-se numa data anterior ao século VII a. C.

Parece-me verosímil admitir que o agrupamento de Noroeste da indústria ibérica do Bronze avançado fosse um produto originado na indústria dos machados de talão com nervura média na folha, do sudoeste da França, possivelmente introduzida nesta região da Península por imigrantes da época da expansão da Cultura dos «campos de urnas» na França, durante o Hallstatt-B, produto este facultado à população nativa, constituída pelos fabricantes da característica cerâmica da Penha (Guimarães), e da pertencente à primeira fase da estação típica de Las Cogotas (Avila) ⁽¹⁾, cuja tradição decorativa vemos perdurar na cerâmica dos *castros* do Noroeste, da Primeira Idade do Ferro. No decorrer do tempo surgiu, mais tarde, entre o Minho e o Tejo, uma indústria inteiramente localizada, criadora de tipos especiais, como os machados de alvado com dupla aselha e os de talão com uma face plana. Por outro lado, o tipo caracteristicamente ibérico das foices «de Castropol» (fig. 6, 6) encontra-se quase que por completo fora desta área, nas Astúrias ou a sul da Serra da Estrela. Provavelmente sincrónicos do último período dos machados de talão com dupla aselha, nos séculos imediatamente anteriores à introdução tardia da fase plena da Cultura da Primeira Idade do Ferro na área do Noroeste, seriam os curiosos vasos semi-esféricos «em forma de chapéu invertido», ou «de largo bordo horizontal», encontrados ora em sepulturas de cremação, ora em castros, numa restrita zona situada entre o Minho e o Douro ⁽²⁾. Tanto a contextura desta cerâmica, como os motivos decorativos que ela ostenta estabelecem estreita ligação entre

⁽¹⁾ *Memoria 110 de la Junta Superior de Excavaciones*, 1929, est. XI-XXXI.

⁽²⁾ *Homenagem a Martins Sarmiento*, p. 272 ss.; *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia*, VIII, 1935.



- Espada pistiliforme : achado simples.
- Esconderijo de espadas pistiliformes.
- Espada de «lingua de carpa» (tipo primitivo).
- ⊙ Esconderijo de espadas de «lingua de carpa» do tipo primitivo.
- Espada de «lingua de carpa» (tipo recente).
- ⊙ Esconderijo de espadas de «lingua de carpa» do tipo recente.

Fig. 4 — Tipos de espada

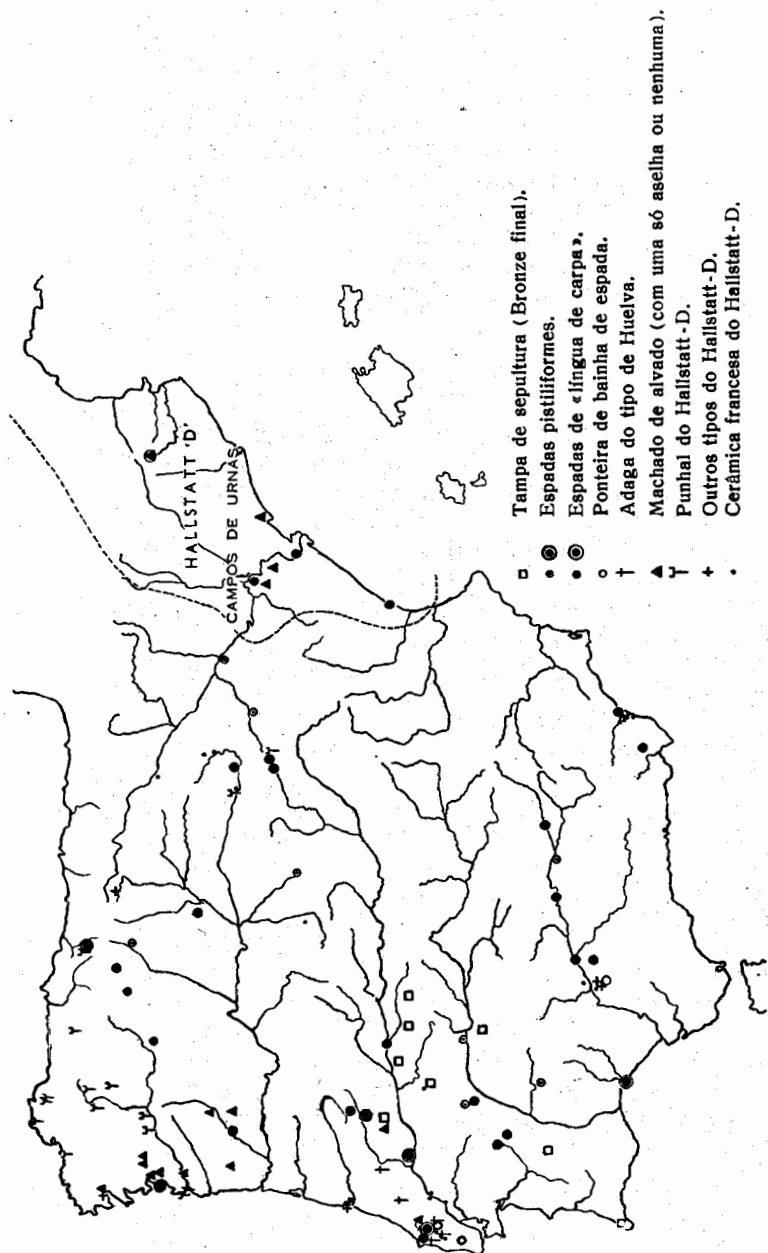


Fig. 5 — Cultura do Sudoeste e grupos de tipos do final de Hallstatt

alguns dos seus exemplares com a cerâmica da Primeira Idade do Ferro e com a castreja lusitano-romana; mas, pela sua forma, parece derivarem da fase avançada de uma cerâmica de tradição local, de origem megalítica, cuja melhor representação se encontra na cerâmica da necrópole de elementos mixtos, de Gulpilhares, perto do Porto (1): seja como for, dificilmente se pode filiar esta cerâmica em qualquer grupo exótico, de além Pireneus.

A CULTURA DO SUDOESTE

O confronto dos mapas 3 e 4 revela-nos um nítido contraste entre a distribuição dos instrumentos de bronze dos tipos caracteristicamente ibéricos e a das espadas dos diversos tipos. Estas últimas vê-se que estão escassamente representadas nas regiões do Noroeste, aglomerando-se os achados em dois núcleos principais: um abrangendo a zona cantábrica e proximidades da orla oriental da Meseta superior; outro incluindo os vales inferiores do Tejo, Guadiana e Guadalquivir. A observação do mapa 4 mostra-nos, além disso, que, no grupo setentrional (exceptuando a área dos campos de urnas), as espadas pistiliformes, ou «em forma de folha», estão representadas em quantidade proximamente igual à das espadas do tipo «língua de carpa» e punhais afins; ao passo que, no grupo sul, as espadas deste último tipo são em número nitidamente superior. Por outras palavras — o grupo de espadas em forma de «língua de carpa» está melhor representado nas zonas costeiras do sul da Península, entre o Ebro e o Tejo, precisamente onde os instrumentos «ibéricos» característicos são mais raros.

O mapa 5, no qual foram também incluídas ponteiros de bainhas de espada do tipo «língua de carpa», punhais do tipo de Huelva (fig. 6, n. 9) e pedras sepulcrais com representações de armas do

(1) Material existente no Museu Municipal de Azuaga, em Vila Nova de Gaia (Porto).

Bronze final, põe em relevo a importância deste agrupamento sul, que ali vemos nitidamente separado dos grupos do norte por uma larga zona estéril. Este núcleo da parte sul deve seguramente representar uma entidade cultural distinta, de composição e origem diferentes da Cultura indígena do Noroeste. Temos ali a indicação clara de um comércio ou colonização ao longo dos grandes cursos de água da região. Estudos anteriores a este têm sempre sido baseados no princípio assente de que os invasores da Península, do final da Idade do Bronze, entraram por terra, através dos Pirineus; mas qual a razão porque esse movimento se não há de ter dado por mar, vindo pelo Atlântico ou pelo Mediterrâneo? O mais importante de todos os conjuntos de objectos de bronze achados na Península, é constituído pelo célebre agrupamento de fundidor, dragado na foz do Rio Odiel, em Huelva, perto do molhe da «Tharsis Mining Company», o qual faria talvez parte da carga de um navio que ali tivesse naufragado.

Este achado de Huelva, com sua variedade de tipos, constitui a melhor base para o estudo do núcleo do Sudoeste, bem como das espadas de «língua de carpa» de toda a Península, especialmente depois que o Professor Almagro dedicou àquela descoberta um trabalho excelente ⁽¹⁾, no qual foi proficientemente analisado o quadro geral das espadas do tipo «língua de carpa». É particularmente significativo que nem um só dos instrumentos tipicamente ibéricos — machados de talão ou de alvado, ou foicinhas — surgisse nesse achado. Basta-nos, porém, comparar as espadas de «língua de carpa» de Huelva com as do esconderijo do Monte Sa Idda, na Sardenha, este último tão abundante em tipos especificamente ibéricos, para logo se concluir que a razão daquela escassez reside provavelmente no facto de a manufactura dos instrumentos de aselha dupla mal ter ainda começado, se é que já tivesse começado, quando se deu o afundamento dos objectos agora dragados na Ria de

(1) *Ampurias*, II, p. 85 ss.

Huelva. As espadas de Huelva (cf. fig. 6, n. 10) apresentam muitas analogias com outros exemplares do mesmo tipo do noroeste da Europa, e não possuem as características locais dos exemplares, nitidamente mais recentes, do esconderijo da Sardenha, e dos de certas regiões da Península, do Alentejo, por exemplo. Contudo, Martin Almagro apresentou razões convincentes para baixar a data do achado de Huelva para 750 a. C. Para ele, a espada de «língua de carpa» é uma modificação, no Bronze Atlântico, da espada pistiliforme, de influência mediterrânea, durante o período de Hallstatt-B; e eu já manifestei, de um modo geral, o meu acordo com ele. A folha de lança irlandesa, também procedente de Huelva, contendo vasados em forma de meia lua, e os prováveis fragmentos de caldeiro a que já fizemos referência, constituem outra razão para não atribuírmos ao achado uma data muito remota. Este elemento irlandês existente no conjunto de Huelva estabelece um elo de ligação com os achados do norte da Península, a que atrás aludimos (p. 14), e com as representações de escudos nas pedras sepulcrais do Sudoeste. MacWhite, no seu estudo destas últimas (1), posto que admitindo a semelhança dessas gravuras com os escudos do tipo de Herzsprung, é de opinião que tais representações estão particularmente ligadas aos escudos irlandeses do tipo de Clonbrin, devido à disposição dos rebites e ao corte em forma de V que eles apresentam no bordo, datando assim as tampas sepulcrais mais antigas do séc. vi a. C., e os exemplares mais tardios do século v ou iv. A forma do punho das espadas ou punhais de «língua de carpa», representados nas pedras sepulcrais de Brozas e de Solana de Cabañas (Cáceres) (2), mostrando grandes travessões em cada extremidade, é indicadora de uma data já tardia dessas armas; pena é que junto de tais pedras sepulcrais nenhuns espólios tenham aparecido, por meio dos quais se

(1) *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, 1947, p. 158 ss.

(2) *L. c.*, est. XVIII, 1-3.

pudesse confirmar o ambiente cultural que hipoteticamente lhes é atribuído. Pode muito bem ser que o achado de Huelva pertença ao começo de uma fase durante a qual o Sudoeste da Península era penetrado por influências culturais marítimas, provenientes das costas da Biscaia e de outras regiões costeiras mais distantes, como sejam as do Mediterrâneo, pois não devemos esquecer que daquele mesmo achado faziam também parte algumas notáveis fíbulas sículas. Cronologia igual à dessas fíbulas deve ser atribuída aos curiosos anéis fundidos, ligados entre si, a dois e três, por meio de uma pequena barra, tendo já um destes objectos sido também encontrado juntamente com uma urna da necrópole de Agullana (Catalunha), da fase II (séc. VII-VI a. C.) da classificação proposta por Maluquer de Motes (1); igualmente um molde de fundição de um desses anéis, juntamente com a parte inferior de um molde para a fundição de espadas de «língua de carpa», foram achados no campo de urnas de Roquizal del Rullo, perto da foz do Ebro.

Roquizal fornece-nos, com efeito, um precioso guia para o estabelecimento da cronologia das espadas de «língua de carpa» em geral, e especialmente do achado de Huelva. O material (2) dessa estação pode presentemente considerar-se como uma fase particular da evolução da Cultura dos campos de urnas do Nordeste de Espanha. Maluquer de Motes (3), no seu magnífico estudo das culturas hallstattenses da Catalunha, demonstrou ter havido naquela região duas invasões do povo dos «campos de urnas», a primeira das quais introduziu a cerâmica vulgar, da canelada, do Hallstatt-B, e a segunda, portadora cerâmica do Languedoc, do Hallstatt-C, acompanhada dos característicos bronzes «launacienses» — alfinetes com cabeça em espiral, ou com um aro, ou ainda constituída por uma rodazinha — particular-

(1) *Ampurias*, V, p. 260 ss., est. I-a.

(2) *Memoria* 101, da Junta Superior de Excavaciones, 1928.

(3) *Ampurias*, VII-VIII, p. 115 ss.

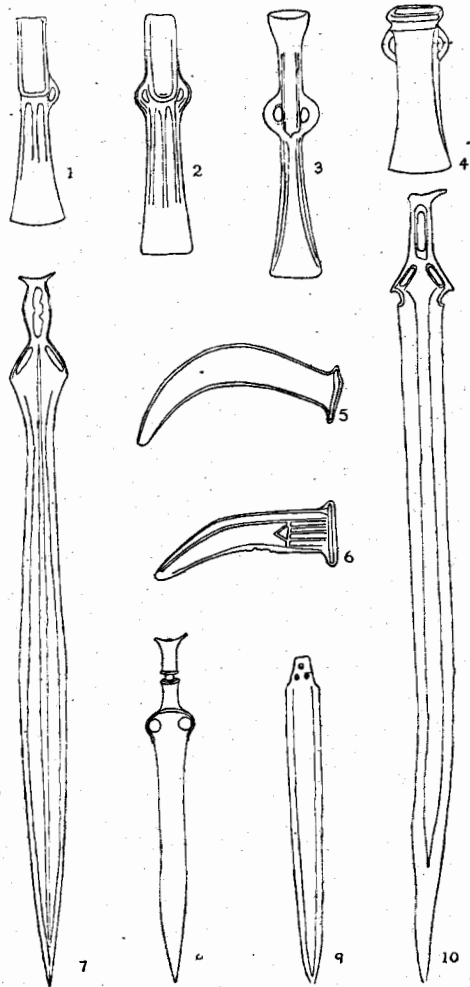


Fig. 6 — *Instrumentos do Bronze Atlântico* ($\frac{1}{6}$ aprox.)

1, Cangas de Onís, Astúrias; 2, Diezma, Granada; 3, Paredes de Coura, Minho (Portugal); 4, Roriz, Minho (Portugal); 5, Monte de las Verdes, León; 6, Castropol, Astúrias; 7-8, Sobrefoz, Astúrias; 9, Porto de Moz, Estremadura (Portugal); 10, Sigüenza, Guadalajara.

mente bem representados na grande necrópole de Agullana publicada pelo mesmo investigador (1). Esta segunda penetração não atingiu o sul da Catalunha e regiões vizinhas de Aragão, onde o primeiro grupo de invasores manteve a sua individualidade, criando ao mesmo tempo inovações locais, como a das urnas com base de pé alto; a necrópole de Molá (Tarragona) documenta esta fase (2). Ora a cerâmica de Roquizal del Rullo (3), posto não contenha exemplares de pé alto, corresponde a uma autêntica fase de decadência da tradição do Hallstatt-B, com sua decoração «excisa», em grande parte, ou constituída por outros motivos ornamentais que fazem lembrar a cerâmica pintada, do Hallstatt-C, do sul da Alemanha. Dificilmente será possível considerar tal cerâmica anterior ao século VII a. C. Poderia, evidentemente, objectar-se que os moldes de fundição de espadas de «língua de carpa» da referida necrópole de Roquizal ficam assim tardiamente integrados na respectiva série destas; mas não há razão para tal, visto que Almagro insiste precisamente (4) no papel desempenhado pelos tipos mediterrâneos, e especialmente itálicos, na evolução das espadas de «língua de carpa». O facto de um punhal itálico ter sido encontrado perto daquela estação, em Bétera, e de a segunda fase dos campos de urnas da Catalunha acompanhar a evolução dos tipos característicos de fíbulas ibéricas de modelos itálicos, leva-nos a admitir que os moldes de fundição de Roquizal possam, inclusivamente, ter pertencido a um iniciador da manufactura local das espadas do tipo «língua de carpa».

Esta mesma questão dos modelos itálicos anda ligada à fixação da cronologia das fíbulas «sículas» de Huelva. Almagro já chamou a atenção para o facto de essas fíbulas, quanto a ele manifestamente derivadas das fíbulas *a gomito* do período Sículo-II,

(1) *Ampurias*, V, p. 260 ss.; VI, p. 97 ss.; VII-VIII, p. 115 ss.

(2) Salvador Vilaseca, *Acta Arqueologica Hispanica*, I.

(3) Martínez Santa Olalla, *Esquema*, est. XXXI.

(4) *L. c.*, p. 99.

apresentarem uma nítida evolução, no perfil dos arcos, e poderem ser muito mais modernas do que os seus respectivos protótipos. Por minha parte, fico na dúvida se estas fibulas serão realmente produtos de manufactura siciliana, ou terão saído da indústria nascente das fibulas do Nordeste de Espanha, do século VII ou VI a. C., à semelhança das de Agullana, umas de mola unilateral em cada extremidade do arco, outras cujo arco gira numa charneira ou gonzo. Estas fibulas são derivadas de tipos itálicos alguns séculos mais antigos. Mas, seja como for, é significativo o facto de ter sido registado o aparecimento de duas fibulas do tipo de Huelva no Nordeste de Espanha—uma delas no castro de Yecla (Burgos) ⁽¹⁾ e outra em local ignorado da Meseta superior ⁽²⁾. O conjunto de Huelva, deve portanto, ser datado, com probabilidades, do século VII ou VI a. C., e considerado talvez um pouco anterior ao esconderijo de Huerta de Arriba, mas sem dúvida anterior ao esconderijo de Hio. Os restantes achados do Sudoeste, portáteis ou monumentais, devem pertencer aos dois ou três séculos imediatos.

Conforme já sugeri, a Cultura do Sudoeste teve, porventura, a sua origem num movimento efectuado por via marítima. Revestiria esse movimento a forma de simples relações de comércio ou influências culturais exercidas por uma minoria, como supomos ter acontecido no caso da zona do Noroeste, ou teria envolvido a influência de um aglomerado substancial de elementos demográficos? Na área do Sudoeste não só não encontramos maior quantidade de cerâmica típica dos «campos de urnas», do período do Hallstatt-B, do que no Noroeste, como não existem ali vestígios de qualquer cerâmica indígena contemporânea dos achados de bronze, como a da Penha (Guimarães), ou a de Las Cogotas (Ávila). A única cerâmica daquela área que pode oferecer ligação com os bronzes avulsos dos séculos VI-IV a. C. ali aparecidos, é indiscutivelmente exótica, com aliás os próprios

(1) S. G. Salas, *El Castro de Yecla*, est. XIX.

(2) *Ampurias*, II, p. 140, fig. 60.

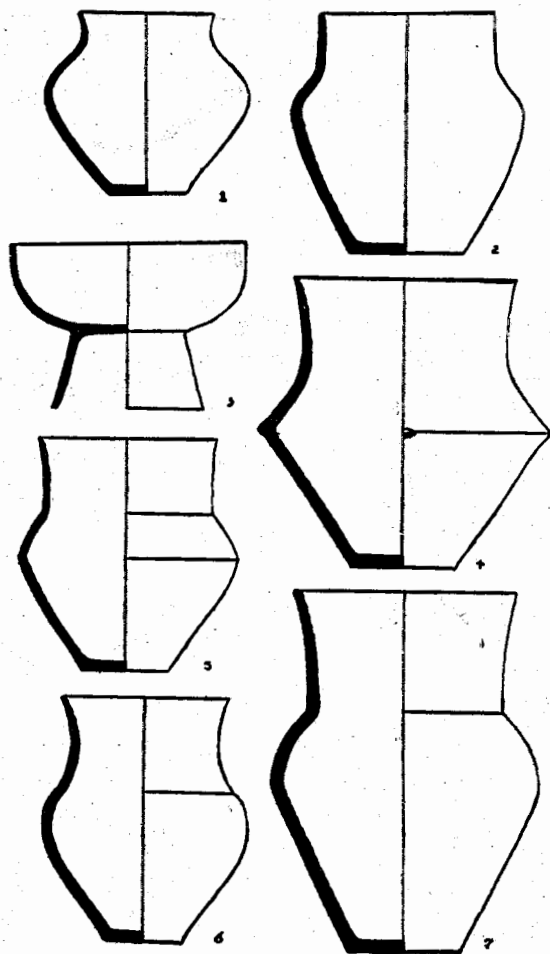


Fig. 7 — Cerâmica portuguesa do final de Hallstatt ($\frac{1}{7}$)

1, Abrunheira, Portalegre; 2, Almoester, Estremadura; 3-7, Tanchoal dos Patudos, Alpiarça, Estremadura.

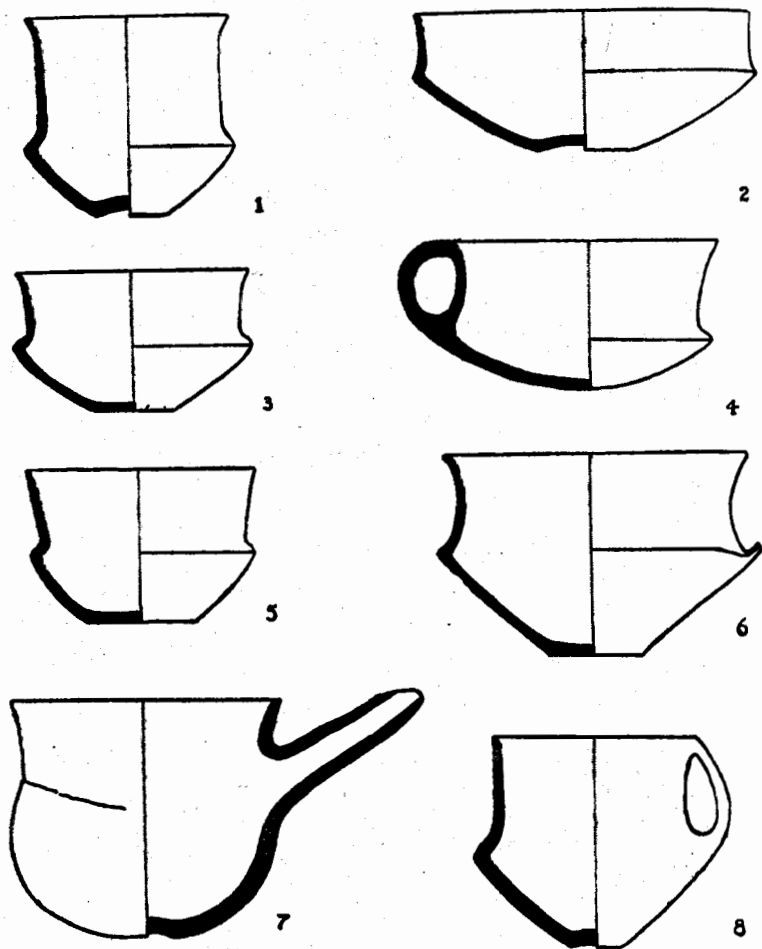


Fig. 8 — *Cerâmica portuguesa do final de Hallstatt* ($\frac{2}{5}$)

1, Santarém, Estremadura; 2, 4, Pragança, Estremadura; 3, 5, 7, 8, Tanchoal dos Patudos; 6, Esposende, Minho.

bronzes o são; tal cerâmica deve ser melhor estudada, como parte integrante de um conjunto com representação em várias regiões da Península.

A CERÂMICA DO FINAL DE HALLSTATT DE ESPANHA E DE PORTUGAL

Dispersos pela Península, existem pequenos núcleos de cerâmica de presumíveis necrópoles de incineração da Idade do Ferro, atribuídas por Bosch-Gimpera a diversas hordas de invasores Celtas vindos da região do Reno, ou mais do oriente. Os modelos característicos dessa cerâmica são constituídos por urnas cinerárias de bojo globular, ovoide ou alargando na parte superior, e pescoço cilíndrico ou recurvo para fora; por taças carenadas, algumas delas grandes e baixas, usadas como tampas das urnas; finalmente, também algumas vezes aparecem vasos de pé alto. Quanto a ornamentação é rara, e constitui mais excepção do que regra. Maluquer de Motes mostrou que estes tipos cerâmicos aparecem na II fase da sua classificação da necrópole de Agullana (1), no século VI a. C., quando o ferro começou a entrar em uso na Catalunha. O estudo das cerâmicas, desta mesma época, do sul da França (2) leva-nos à conclusão de que não é necessário persistir em procurar além Reno a origem imediata deste novo grupo peninsular, como sucede com a cerâmica de Maluquer de Motes, ornamentada com motivos de meandros incisos, e pertencente à segunda invasão do povo dos «campos de urnas». Um dos mais interessantes conjuntos deste grupo cerâmico existentes em Espanha é o de El Redal (Logroño), com taças care-

(1) *Ampurias*, VII-VIII, p. 157 ss.

(2) *Revue Archéologique*, 4 s., XIX (1912); *Gallia*, I e IV; e Peyniau, *Découvertes Archeologiques dans le Pays de Buch* (Gasconha); Morel, *Sépultures Tumulaires de la Région de Freyssinet*, p. 59 ss.; Hélène, *Les Origines de Narbonne*, p. 115 ss., *Gallia*, IV, p. 331 (Languedoc).

nadas contendo uma decoração de caneluras horizontais na parte superior à linha de carena, curiosa reminiscência dos vasos da necrópole post-hallstática de Avezac Prat (Gasconha); o elo desta inspiração comum deve ser procurado, sem dúvida, nas vasilhas de bronze do final de Hallstatt, semelhantes à do esconderijo de Welby (Leicestershire) (1). Bosch com o pensamento na Europa Central, entreviu naturalmente influências hallstattenses germânicas na decoração excisa de certos vasos; mas, sobre este ponto, devemos dizer que o mesmo sistema de ornamentação continua até tarde, em diversos grupos do Hallstatt do Languedoc (2). Os vários grupos cerâmicos do final de Hallstatt do nordeste da Meseta, da região de Almeria, do ocidente de Andaluzia e centro de Portugal apresentam cada um individualidade própria, revelando filiações em diversas partes da França. O grupo central português melhor representado é o da necrópole de incineração de Tanchoal dos Patudos, em Alpiarça (figs. 7 e 8), onde também foram encontrados braceletes de bronze de pequena secção rectangular, com paralelos no Hallstatt recente de vários lugares da França. Apareceram ali urnas cinerárias e pequenos vasos acessórios, alguns deles com cabos ou pegas que sugerem localização, fazendo lembrar a cerâmica evolucionada da Idade do Ferro, do centro de Portugal, como a de Pragança e a dos castros dos arredores da Figueira da Foz. Alguns destes vasos acessórios, procedentes de Santarém (fig. 8, n. 1), são de um especial interesse, porque, pela sua forma e contextura da pasta, apresentam uma flagrante reminiscência de certa variedade de cerâmica primitiva marniana, que parece manter as tradições da cerâmica dos «campos de urnas».

Tal como acontece com relação aos bronzes da Cultura do Sudoeste, esta cerâmica faz pensar, em presença da sua distribuição, num povoamento cuja penetração se efectuou pelos cursos inferiores dos grandes rios — Tejo, Guadiana e Guadalquivir.

(1) *Archaeological Journal*, 1948, p. 35, est. VI.

(2) *P. ex.*, em Lozère, vide Morel, *L. c.*

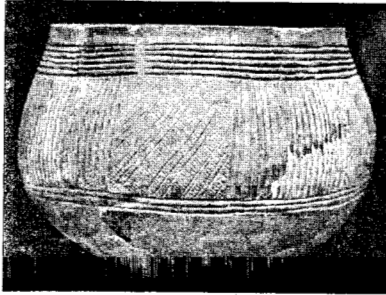
Se tais elementos chegaram por via marítima, do sul ou do ocidente da França, por volta do século vi ou v a. C., é muito possível que, em grande parte, pertencessem a um dos períodos finais da metalurgia do bronze, especialmente se vieram do ocidente da França.

Existem, de facto, indícios de um tal comércio marítimo entre a Biscaia francesa e a zona costeira do Noroeste da Ibéria, na fase de transição decorrida entre o Bronze final e o Hallstatt recente. Tal é o caso, por exemplo, de um grupo de machados de alvado, sem aselhas ou com uma só, localizado no Minho: um exemplar desse tipo de machados aparecidos nos esconderijos de Hio e do Casal dos Fiéis de Deus (Bombarral), procedente do primeiro destes esconderijos, apresenta afinidades com os da Bretanha; do mesmo modo, mais a nordeste, no Alto Minho, norte da Galiza e Astúrias, temos um outro agrupamento local, este de punhais inteiramente de bronze, ou só com o punho de bronze e a lâmina de ferro, que provavelmente constituiu o traço de união entre os punhais franceses do final de Hallstatt e os exemplares mais recentes, post-hallstáticos, da Meseta e da Gasconha. Mais expressivos ainda são os achados provenientes de uma escavação praticada na fortaleza situada num cabo da Ria de Rianxo, perto de Cespón, na Corunha (1): diz-se que apareceram ali, no mesmo nível estratigráfico, uma fíbula «em forma de bésta», típica do final de Hallstatt, e um molde de fundição de machados de alvado com uma aselha, e que, num corte adjacente, apareceram também dois brincos e um bracelete com gravados, dos tipos característicos do final do Bronze francês. Mas tornam-se evidentemente necessárias novas investigações, para se poder confirmar esta suspeita de que a introdução na Península destes exemplares típicos do final da Idade do Bronze e do Hallstatt recente, teve lugar dentro dessa mesma fase de transição.

(1) *Bol. Real Acad. Gallega*, XVI, p. 3 ss.

CONCLUSÃO

A indústria do Bronze Atlântico da Península Ibérica apresenta o centro de gravidade no Noroeste, e não é possível atribuir a sua origem aos fabricantes de quaisquer dos grupos cerâmicos até hoje identificados no Ocidente da Europa e datados do Bronze médio ou final. Uma análise recente deste problema revelou dois grupos culturais distintos e mais ou menos contemporâneos, respectivamente nas regiões do Noroeste e do Sudoeste da Península. Ao primeiro destes grupos pertencem os tipos de instrumentos caracteristicamente «ibéricos»; ao segundo, o emprego das espadas e punhais do tipo de «língua de carpa». O primeiro nasceu das relações de contacto entre os estuários do Loire e da Gironda e a costa cantábrica, que embora possivelmente estabelecidas por um pequeno bando de imigrantes, deslocados pelos movimentos de povos que, durante o Hallstatt-B, tiveram lugar na França, não deixaram de exercer a sua influência entre os fabricantes da cerâmica indígena da Penha e de Las Cogotas-I, respectivamente do norte de Portugal e da Meseta. O segundo grupo, também inicialmente influenciado pelo comércio marítimo das costas do Atlântico e do Mediterrâneo, veio porém a mesclar-se com uma cultura forânea, de origem no Hallstatt recente francês. O primeiro grupo não teria começo mais cedo do que o século VIII a. C., mas a maior parte da sua fase inicial, quando os bronzes do tipo irlandês aparecem na Península, fase à qual pertencem o conjunto de Huelva e o esconderijo de Huerta de Arriba, decorreria já, provavelmente, nos séculos VII e VI a. C. A fase especificamente «ibérica» destes dois grupos culturais durou naturalmente até muito tarde — no caso da Cultura do Noroeste até ao século III, ou mesmo II a. C.



1



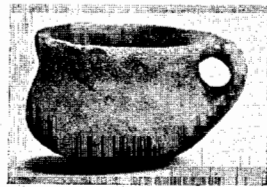
2



3



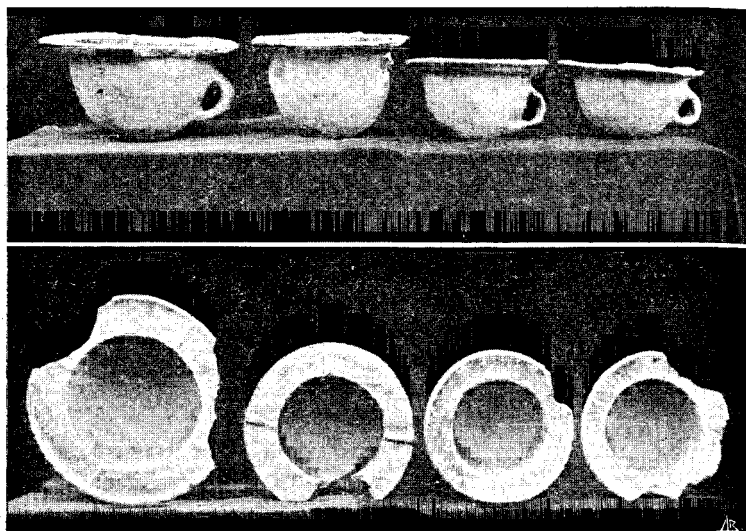
4



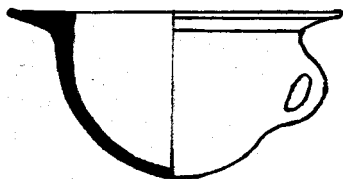
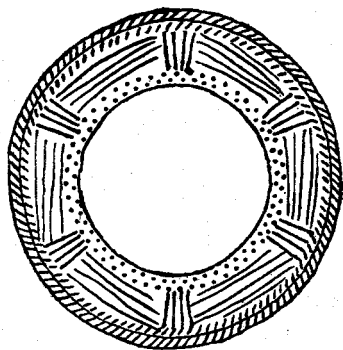
5

Fig. 9 — *Cultura da Penha*

1 - 5, Penha, Guimarães (Minho)



1



2

Fig. 10 — *Cultura da Penha*

1, S. Tomé de Caldelas (Taipas, Guimarães); 2, Perfil de um dos vasos de Caldelas.

Agradecimentos

Seja-me permitido mencionar aqui os nomes de vários estudiosos portugueses que de qualquer modo facilitaram os meus estudos em 1936-37. Devo em primeiro lugar agradecer ao meu amigo Sr. Major Afonso do Paço, que me proporcionou, nas melhores condições, a visita a diversas colecções públicas e particulares, e muito me auxiliou na elaboração dos inventários de objectos arqueológicos, que constitui a base deste meu estudo. Estou também especialmente grato ao Professor Mendes Corrêa, da Universidade do Porto, que me autorizou a desenhar a cerâmica de Alpiarça, no Museu do Instituto de Antropologia, e ao Coronel Mário Cardozo, que me facultou as fotografias da cerâmica da Penha, no Museu de Martins Sarmiento, em Guimarães.

APÊNDICE

RELAÇÃO DOS ACHADOS INDICADOS NOS MAPAS (Figs. 1-5)

Abreviaturas da Bibliografia, Autores e Museus citados na Relação dos achados.

Revistas

- A. M. S. E. A. E. P. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, Madrid.
- Amp. *Ampurias*, Barcelona.
- B. A. A. P. *Boletim da Associação dos Archeologos... Portugueses*, Lisboa.
- B. A. S. E. *Boletim Arqueológico del Sudeste Español*, Albacete.
- B. R. A. G. *Boletín de la Real Academia Gallega*, Corunha.
- B. S. A. S. R. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, Figueira da Foz.
- B. S. E. A. A. *Boletim del Seminario de Estudios de Arte y Arqueologia*, Valladolid.
- Brot. *Brotéria*, Lisboa.
- Corona *Corona de Estudios que la Sociedad Española de Antropología, Etnografía e Prehistoria dedica a sus Martires*, I, Madrid, 1941.
- M. J. S. E. *Memorias de la Junta Superior de Excavaciones*, Madrid.
- Nós *Nós*, Corunha.
- A. P. *O Archeologo Português*, Lisboa.
- Port. *Portugalia*, Porto.
- P. P. S. *Proceedings of the Prehistoric Society*, Cambridge.
- P. S. A. L. *Proceedings of the Society of Antiquaries*, Londres.
- R. A. *Revue Archéologique*, Paris.
- R. G. *Revista de Guimarães*, Guimarães.
- Trab. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Porto.

Autores

- Almagro Martin Almagro, «El hallazgo de la Ría de Huelva», *Amp.*, II, p. 85 ss.
- Bosch P. Bosch-Gimpera, *Two Celtic Waves in Spain*, Oxford, 1939.
- Cartailhac Emile Cartailhac, *Les Ages Préhistoriques en Espagne et Portugal*, Paris, 1886.
- Castillo Angel del Castillo Lopez, «Hachas de bronce de talón», *B. R. A. G.*, 1927.
- Corrêa, 1924 A. Mendes Corrêa, *Os povos primitivos da Lusitânia*, Porto, 1924.
- Corrêa, 1928 A. Mendes Corrêa, «A Lusitania pré-romana», *História de Portugal*, I, Barcelos, 1928.
- E. V. Estácio de Veiga, *Antiguidades Monumentais do Algarve*, Lisboa, 1886-91.
- L. V. J. Leite de Vasconcellos, *História do Museu Etnológico Português*, Lisboa, 1915.
- Obermaier Hugo Obermaier, «Impresiones de un viaje por Galicia», *Bol. de la Comisión Provincial de Mon. Hist. y Artísticos de Orense*, Orense, 1923.
- Pericot Luis Pericot Garcia, *História de España*, I, Ed. Gallach, Barcelona, 1945.
- Pidal Ramon Menendez Pidal, *Historia de España*, I, Ed. Espasa-Calpe, Madrid, 1947.
- Proença Francisco Tavares Proença, *Archeologia do Distrito de Castelo Branco*, Castelo Branco.
- Siret, 1888 Luis Siret, *Les premiers Ages du Métal en Espagne*, Bruxelas, 1888.
- Siret, 1893 Luis Siret, «L'Espagne préhistorique», *Revue des Questions Scientifiques*, Bruxelas, 1893.
- Siret, 1907 Luis Siret, *Vilaricos y Herrerias*, Madrid, 1907.
- Siret, 1913 Luis Siret, *Questions de Chronologie et d'Ethnographie Ibériques*, Paris, 1913.

Museus

M. G.	Museu de «Martins Sarmento», Guimarães.
M. A. L.	Museu Arqueológico de León.
M. A. N.	Museu Arqueológico Nacional, Madrid.
M. E. L.	Museu Etnológico do «Doutor Leite de Vasconcellos», Lisboa.
M. S. R.	Museu Nacional de «Soares dos Reis», Porto.
M. U. P.	Museu Antropológico da Universidade do Porto.
R. A. M.	Real Armaria de Madrid.

RELAÇÃO DOS ACHADOS, POR ESPÉCIES, COM INDICAÇÃO DA PROCEDÊNCIA, REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E COLEÇÕES ONDE SE ENCONTRAM GUARDADOS

Machados de talão, sem aselhas laterais

PORTUGAL

Estremadura

Alcobaça M. E. L.

ESPAÑA

Astúrias

Pruneda M. A. N., Pidal, fig. 618

León

León M. A. L., *Corona*, p. 134, fig. 6, 1.

Castela Velha

Virgen de la Peña (Santander) Pidal, p. 802.

Machados de talão, com uma aselha lateral

PORTUGAL

Minho e Douro

Barcelos M. S. R., *Port*, II, p. 662
fig. 1, 1.

- S. Julião do Calendário,
Famalicão (no M. G. apenas existe um fac-símile fundido em chumbo) .. M. G., *ib.*
Corvite (Guimarães) .. M. G., Siret, 1913, p. 462.
Penha (Guimarães) .. M. G., *R. G.* 1950, p. 337.
«Do Concelho de Guimarães» M. E. L.
Castro Daire (molde de fundição) *Trab.*, 1939, p. 126.
Amarante Corrêa, 1924, p. 232.
S. Paio de Portela (Penafiel) M. E. L.
Louro (Famalicão).. .. M. S. R., *Port.*, II, p. 662, fig. 1, 2.
Boelhe (Penafiel) M. U. P.
«Do Minho» (2 ex.) M. E. L.
Vilar de Mouros (Caminha (de um esconderijo) .. M. G.; R. G. V, p. 158-nota 1.
«Do Concelho de Guimarães» (Briteiros?).. .. Museu de Santo Tirso; *Trab.*, IV, p. 306.
- Trás os-Montes*
- Linhares.. .. A. P., IX, p. 166.
Chaves M. U. P., Corrêa, 1928, p. 149, fig. 2.
Vidual (Vila Real) .. *Port.*, I, p. 826, fig. 2.
Justes (Vila Real).. .. *ib.*
- Beiras*
- Azevo (Pinhel) M. G., Martins Sarmento, *Dispersos*, p. 139, fig. 9.
Porto de David (Pinhel).. M. G., Siret, 1913, p. 462.
Mondim da Beira M. E. L.
Basto de Viseu M. E. L.
Monforte da Beira.. .. Corrêa, 1928, p. 150.
Monsanto (Idanha-a-Nova) M. E. L., A. P., XXII, p. 305, est. II, fig. 1.
Malpica Colec. Pessoa, Castelo Branco.
«Da Beira Baixa».. .. Museu de Castelo Branco, B. A. S. E., 1946, p. 159, figs. 8-9.
Ervedal (6 exemplares, de um esconderijo) Museu de Castelo Branco, *ib.*, est. X.
Mação (2 ex., de um esconderijo) *Brot.*, XXXVIII, 3.
«Da Beira» (5 ex.) M. E. L.
- Estremadura*
- Fonte Santa, Alcobaça .. *Port.*, I, est. XXVIII, p. 237.
Alfarim (Sesimbra) M. E. L.

Alentejo

Veiros (Estremoz) A. P., XXVIII, p. 76.

ESPAÑHA

Galiza

Sáa, Senra, Corunha (no mesmo esconderijo, 4 de dupla aselha

Colec. Maciñeira e Univ. de Santiago; Castillo, p. 41, 75.

Vilavella, Puentes de Garcia Rodriguez (Corunha)
Oleiros, Toques (Corunha)
«Da região de Lugo»
Hio, Pontevedra (de um escond., contendo uma espada «de língua de carpa» e machados de alvado).

ib., p. 75.

Colec. Alvarez; *ib.*, p. 77.

ib., p. 40.

«Da região de Santiago»
«Da região de Pontevedra» (5 ex.)

Colec. Requejo (Vigo); Obermaier, p. 28, fig. 1-A.

Colec. Cicerón; Castillo p. 76.

Verin (Orense)

Molec. Sampedro; *ib.*, p. 41.

Molec. Barrio, Villagarcía; *ib.*, p. 76.

«Da região de Orense»

Museu de Orense; *ib.*, p. 41.

Astúrias

Cangas de Onis
Avilés (Oviedo)
«Da região de Astúrias» (6 ex.)

M. A. N.; Siret, 1913, fig. 128, 1.

M. A. N.; Castillo, p. 124.

Museu de Oviedo e Colec. particular, *ib.*

León

Cornombre (León)
Manzaneda (León)
«Da região de León»
Bejar (Salamanca)

M. A. L.; *Corona*, p. 133, fig. 6, 2.

M. A. L.; *ib.*, fig. 6, 3.

M. A. N.; *Corona*, *ib.*

Castillo, p. 128.

Castela Velha

Requejo, Reinoso (Santander) (2 ex.)
Cabargas (Santander)

M. A. N., Pidal, fig. 618.

Museu Municipal de Santander; Castillo, p. 125.

Coruña del Conde (Burgas (de um esconderijo?)
San Sebastián de Zarzagrada, Burgos (4 ex.)

M. A. N., *ib.*, p. 126.

Colec. Marquês de Comillas, Santander; *ib.*

- Huerta de Arriba, Burgos
(de um esconderijo com
outros exempl. de dupla
aselha e navalhas de
cabo, para barbear) ..
Museu de Prehistoria de Va-
lência; *A. M. S. E. A. E. P.*,
XVII, p. 127 ss.
- Barranco de los Reajos,
Beratón, (Soria).. ..
Fuente Sabiñan (Guadala-
jara)
Saldaña, Palência (de um
escond. contendo tam-
bém ex. de dupla aselha)
M. A. N.; Castillo, p. 127.
M. A. N.
Castillo, p. 126.
- Navarra*
Aralar
«Região de Navarra» (2 ex.)
Castillo, p. 125.
ib.
- Catalunha*
La Estrada (Gerona) ..
Pobla de Lillet (Barcelona)
Perelló (Tarragona) ..
Figols de Orgaña (Lerida)
Castillo, p. 131.
ib.
ib.
ib.
- Castela Nova*
Meco (Madrid)
M. A. N.; Castillo, p. 128.
- Estremadura*
«Da região da Estrema-
dura»
Museu de Badajoz; Castillo,
p. 128.
- Andaluzia*
Arroyomolinos, Jaén, (com
2 machados de orelhetes
na parte média)
Fuente de Cesna, Loja
(Granada)
Solana de Peñarrubia,
Lorca
Siret, 1913, p. 358, fig. 131, 3.
Castillo, p. 130.
Mus. de Múrcia; Pidal, p. 850,
n.º 102.

Machados de talão, com dupla aselha

PORTUGAL

Minho e Douro

- Vila Nova de Cerveira (ex.
com o cabeço de fund.)..
M. G.; Siret, 1913, p. 462.

- Quinta da Comenda, Arcos de Valdevez (2 ex.) .. M. E. L.; *A. P.*, IV, p. 88, fig.
- Comenda da Távora, Arcos de Valdevez (ex. com o cabeço de fundição; fazia parte de um esconderijo) M. E. L.
- Caminha (ex. com o cabeço de fundição) *A. P.*, VII, p. 103, fig. 2-a.
- Ganfei, Valença (escond.; com cabeço de fundição) M. E. L.; M. S. R.; *Port.* II, p. 661.
- Carpinteira, Melgaço .. M. S. R.; M. E. L.; *Port.* II, p. 475.
- Vilar de Mouros, Caminha M. S. R.
- Vila de Punhe, Viana do Castelo (escond.; cabeços de fund.) Museu de Viana; colec. particulares; *Alto Minho*, 1935.
- Paredes de Coura, Fromariz (esconderijo; cabeços de fund.) M. E. L.; *A. P.*, VIII, p. 133.
- Barcelos (escond.; cabeços de fundição).. .. M. S. R.; M. E. L.; L. V., 1915, est. IV, 29.
- Boriz (Valença do Minho) Mus. Azuaga; *Port.*, II, p. 117.
- Esposende Corrêa, 1924, p. 232.
- Ponte da Barca M. E. L.; *ib.*
- Lama (com cabeço de fundição).. .. M. E. L.
- Roriz E. V., IV, est. XXIII, 12.
- Viatodos, Barcelos (esconderijo; cabeços de fundição).. .. M. S. R.; M. E. L.; *Port.*, II, p. 170.
- S. Jorge de Selho (Guimarães) M. G.
- Vila Nova de Gaia (esconderijo) Biblioteca Municipal de Gaia.
- Boelhe (Penafiel) M. U. P.
- S. Martinho de Bougado (esconderijo; cabeços de fundição, 28 ex. no M. G.) M. G.; Siret, 1913, p. 468; R. G., V, 157.
- Santa Justa, Valongo (escond.).. .. M. S. R.
- «Da região do Minho» (6 ex.) M. E. L., Museu do Carmo, Lisboa.
- Chã da Presa (Santo Tirso) Museu de Santo Tirso; *Trab.*, IV, 306.
- Louro (Famalicão).. .. *ib.*

Trás-os-Montes

- Freixo de Espada à Cinta .. M. E. L.
 Vilarinho dos Galegos .. M. E. L.
 Torre de Dona Chama (escond.) A. P., V, p. 279.
 Boticas (escond.; cabeços de fundição) M. U. P.; Siret, 1913, 462.
 S. Mamede de Riba Tua .. Museu Azuaga; A. P., I, 26.
 Castro de Medeiros, Montalegre (esconderijo) .. M. E. L.; E. V., IV, est. XXIII, 16-17.
 Cortiços (Mirandela) .. Museu Azuaga; A. P., I, 26.
 Chaves M. U. P.
 Outeiro Seco, Chaves (escond.) Colec. part.; A. M. S. E. A. E. P., XXIII, 37.
 Vilela Seca, Chaves (escond.; cabeços de fundição) Colec. part.; *ib.*

Beiras

- Ferreira de Aves, Pinhel (esconderijo; cabeços de fund.) Corrêa, 1924, 232, est. XIV, 2.
 Mondim da Beira M. E. L.
 Sátão M. E. L., A. P., XXIV, 223, fig. 129.
 Sabugal (Guarda) A. M. S. E. A. E. P., XXIII, 40, est. II.
 Trancoso M. E. L.
 Sinfães (molde de fundição) M. E. L.
 Vila Meã (Viseu) Corrêa, 1928, 150.
 Castendo M. E. L.; A. P., XXIV, 223, fig. 128.
 Retorta, Souselo (Sinfães) .. M. E. L.
 Lamego (com cabeço de fundição) M. E. L.
 Viseu (esconderijo) Museu do Carmo, Lisboa.
 Paúl (Covilhã) (esconderijo) M. E. L.; Museu de Castelo Branco; B. A. S. E. 1946, 158, fig. 1.
 Escalos de Baixo Museu de Castelo Branco
 Covilhã (esconderijo) *Catálogo do Museu do Carmo*, 1891.
 Monforte da Beira Museu de Castelo Branco; Proença, 10.
 «Da região da Beira» (6 ex.) M. E. L.; Mus. de Castelo Branco.

Estremadura

Mata de Arruda dos Vinhos
(Torres Vedras)
Alfarim (Sesimbra)

Colec. Belo, Maxial.
M. E. L.

Alentejo

Veiros (com cabeça de fun-
dição)

M. E. L.

Évora
«Região de Évora»

M. E. L.

Gabriel Pereira, *Notas de Ar-
cheologia*, 13.

Serra de Grândola

E. V., IV, est. 4.

ESPAÑA

Galiza

Cumbraos, Présaros, Co-
runha (escond.)

Museu de Belas Artes, Coru-
nha; Sem. de Est. Galegos,
Santiago; Castillo, 33.

R. A. M.; *ib.*, 79.

Santiago (esconderijo) ..
Sáa, Senra, Corunha (es-
cond. contendo também
1 ex. de uma aselha) ..

Colec. Iglesia e Maciñeira;
ib., 39.

Colec. Alvarez; *ib.*, 77.

Entrecruces, (Corunha) ..
Castro de Vimianzo (Me-
lide)

Colec. Carballido, Melide;
ib., 76.

Cambados, Tremeoedo Pon-
tevedra (esconderijo) ..

Nós, 1930, n.º 79, p. 138.

Santa Maria de Paradelas,
Pontevedra (esconderijo)

Amp., VII-VIII, 349.

Coropó, Pontevedra ..

Colec. Alvarez; Castillo, 78.

Cotos de Fraga, Ponteve-
dra

B. R. A. G., 1930, 126.

Lanzada, Pontevedra ..

M. A. N.; *ib.*, 79.

Lalín, Pontevedra ..

Colec. Alvarez; *ib.*, 77.

Sotomayor, Pontevedra ..

M. A. N.; Siret, 1913, fig. 125, 4.

«Da região de Pontevedra»
(20 ex.)

Colec. Sampedro; Castillo, 41.

San Juan de Lagoa, Pasto-
riza, Lugo (escond.) ..

ib., 40.

Aldea de Vara, Lugo (es-
conderijo)

Pidal, 850, n.º 93.

Santa Eulalia de San Ro-
mán, Vilalba, Lugo ..

Univ. de Santiago; *ib.*, 75.

San Cobad

ib.

San Tomé de Estelo, Mon-
doñedo

ib., 41.

Castro de Oro, Lugo (es-
cond.)

ib.

- Monte Farello, Lugo .. Museu de Lugo; *ib.*, 76.
 Santa Magdalena de Mon-
 gán, Lugo Museu de Lugo; *ib.*
 «Da região de Lugo» .. Colec. Carballido, Melide; *ib.*
 «Da região de Lugo» (3 ex.) Instituto de Lugo; *ib.*
 Verín (Orense) Colec. Barrio, Villagarcía; *ib.*
 Bibey (Orense) Colec. Alvarez; *ib.*, 78.
 «Da região de Orense»
 (4 ex.) Museu de Orense; *ib.*, 42.
 Distriz, Monforte (Orense) M. A. N.; R. A. M.; *ib.*, 40.
 Cartimil Colec. Alvarez; *ib.*, 77.

Astúrias

- «Da região de Astúrias»
 (10 ex.) Museu de Oviedo; Castil-
 lo, 124.
 «Da região de Astúrias»
 (22 ex.) Colec. particular; *ib.*
 Cangas de Tineo M. A. N.; Siret, 1913, fig. 126, 3.
 Peña (Oviedo) M. A. N.; Castillo, *ib.*
 Pruneda (Oviedo) M. A. N.; *ib.*
 «Da região de Astúrias»
 (molde de fundição) .. Colec. Soto Posada, Cangas
 de Onis; Pericot, 220.

León

- Toreno, León Colec. part.; *Corona*, 135.
 Pontedo, León Colec. part.; *ib.*
 Lancia, León *ib.*, 134 ss, fig. 7.
 «Da região de León» (6 ex.) M. A. L.; *ib.*, 134.
 «Da região de León» .. Museu Antrop. Nac.; *ib.*
 Linares de Riofrio, Sala-
 manca (molde de fund.) .. Colec. Morán; *ib.*, 196.

Castela Velha

- Ruiboba (Santander) .. Castillo, 125.
 «Da região de Santander» *ib.*
 Coruña del Conde, Burgos
 (num escond. com 1 ex.
 de uma aselha única?) .. M. A. N.; Pidal, fig. 619.
 Huerta de Arriba, Burgos
 (no mesmo escond. 1 ex.
 de aselha única) Museu de Prehistória de Va-
 lência; *A. M. S. E. A. E. P.*,
 XVII, 127 ss.
 Saldaña, Palência, (no
 mesmo esconderijo 1 ex.
 de aselha única?) Castillo, 126.

Castela Nova

- Oropesa (Toledo) Castillo, 129.

Estremadura

- « Da região da Estremadura ».. .. R. A. M.; *ib.*, 128.
 « Da região da Estremadura ».. .. Museu de Cáceres; *ib.*

Andaluzia

- Arroyomolinos, Jaén .. Colec. Gomez-Moreno; Pidal, 850, n.º 151.
 Barranco, Baza (Granada) M. A. N.; Siret, 1913, fig. 125, 2.
 Diezma (Granada).. .. M. A. N.; *ib.*, fig. 125, 3.
 Cesna (Granada) Colec. Gomez-Moreno; Pidal, 850, n.º 101.
 « Região de Andaluzia ».. Siret, 1913, fig. 127, 2.
 Fuente Tojar, Córdoba (esconderijo) M. A. N.; Siret, 1913, figs. 126, 1-2, 127, 1; Castillo, 129.

Múrcia

- Totana, Múrcia Siret, 1913, fig. 125, 1.

Machados de talão, com uma das faces plana**PORTUGAL***Minho*

- Silvares (Guimarães) .. M. G.

Trás-os-Montes

- S. Mamede de Riba Tua.. Museu Azuaga, Gaia; *Port.* II, 118.

Beiras

- Mondim da Beira M. E. L.
 Sabugal (Guarda) M. E. L.; E. V., IV, est. XXIII, 14.
 Monforte da Beira.. .. Museu de Castelo Branco; *B. A. S. E.* 1946, p. 159, fig. 7.

Estremadura

- Abrigada (encontrado com um machado de alvado e dupla aselha) Colec. Cabaço, Alenquer.
 Curral das Cabras.. .. M. E. L.
 Bico da Vela, Pragança.. M. E. L.; *P. P. S.*, II, 236.
 Grutas do Cabeço, Columbeira M. E. L.
 Serra dos Carrascos .. *B. S. A. S. R.*, I, 13, est. I, 2.
 Serra de Alvaizere .. *ib.*, est. I, 3.
 « De Portugal » (?), no Museu de Badajoz *ib.*, I, 14.

Machados de alvado, sem aselhas laterais

ESPAÑHA

Galiza

Hio, Pontevedra (escond.,
contendo um exemplar
de afinidades bretãs) .. *Amp.*, II, 104, fig. 22.

Catalunha

«Da região da Catalunha»
(4 ex.) Pidal, 805.

Machados de alvado, com uma aselha lateral

PORTUGAL

Minho

Monte da Forna, Boibão
(Valença) M. E. L.
Louro (Famalicão) M. S. R.; *Port.* II, 662.

Trás-os-Montes

Alijó *Port.* I, 826, fig. 3.
Vilela Seca (Chaves) A. M. S. E. A. E. P., XXIII,
37 ss, est. II.
Arroios (Vila Real) M. E. L.

Beira

Sarzedas Museu de Castelo Branco;
B. A. S. E., 1946, 158, fig. 6.

Estremadura

Fieis de Deus, Bombarral
(num esconderijo, com
uma espada de «língua
de carpa») M. E. L.; A. P., XXIV, 193.

Alentejo

«Da região do Alente-
jo» (?) M. E. L.

ESPAÑHA

Galiza

Castro Pequeno, Neixón
(molde encontrado num
castro, juntamente com
bronzes do Bronze final
francês) B. R. A. G., 1926, 35, fig. 11.

- Cabo da Cruz, Arousa
(Corunha) Colec. Xil e Casal; Castil-
lo, 36.
- Hio, Pontevedra (escond,
com uma espada «língua
de carpa») *ib.*, 36; Obermaier, 28, fig. 2.
- Puente Caldelas, Ponteve-
dra (de alvado quadran-
gular).. .. . Museu de Pontevedra; Pidal,
805.
- Redondela, Pontevedra
(alvado quadrangular).. Pidal, *ib.*
- Lerez, Pontevedra .. . Colec. Sampedro; Castillo, 36.
- Cuntis, Pontevedra (molde
de fundição para ma-
chado de alvado de sec-
ção rectangular) .. . Museu de Orense; Pidal, 805.
- «Da região da Galiza»
(molde) Colec. Sampedro, Ponteve-
dra; *ib.*
- Catalunha*
- Campo de Tarragona .. Castillo, 131; *ib.*
- Ripoll, Gerona (num es-
conderijo, com machados
de orelhetes laterais).. *Amp.* VII-VIII, 165, fig. 15.

Machados de alvado, com dupla aselha

PORTUGAL

Minho e Douro

- Candemil, Amarante .. M. S. R.
- Famalicao *Port.* II, 662, fig. 2.
- Fiaes (Vila da Feira) .. M. S. R.
- «Da região do Minho».. Museu do Carmo, Lisboa;
B. A. A. P., III, 45, est. XXXVI.
- «Da região do Minho»
(3 ex.) M. E. L.
- S. Vicente de Oleiros (Gui-
marães) M. G.; *R. G.*, XXXVIII, 195.
- Serra de Santa Justa .. Siret, 1913, fig. 123, 3.

Beiras

- Montemaro M. E. L.
- S. Vicente da Beira .. Museu de Castelo Branco;
B. A. S. E. 1946, 158, fig. 5.
- S. Domingos da Beira .. Museu de Castelo Branco.
- Boidobra Proença, 3.
- «Da região da Beira» (?). Museu de Antrop. da Univ.,
Coimbra.

Estremadura

Lourais, Pombalinho ..	M. E. L.
Juncal, Alcobaça	Museu de Torres Novas.
«Da região das Caldas da Rainha»	M. E. L.
Tomar	Museu do Carmo, Lisboa.
Abrigada	Museu do Carmo, Lisboa; B. A. A. P. III, est. XXXVI.
Abrigada (junto a um machado de talão com uma das faces plana)	Colec. Cabaço, Alenquer.
Liceia	Cultura, 1926, 36 ss.
Cova da Moura (Torres Vedras)	Museu de Torres Vedras.
«Da região da Estremadura» (2 ex.)	M. E. L.
<i>Alentejo</i>	
«Da região do Alentejo» (?)	M. E. L.

Foices do «tipo de Castropol»

PORTUGAL

Beira

Porto do Concelho (Mação) (escond. com machados de talão e espadas)(2ex.)	<i>Brotéria</i> , XXXVIII, 3.
--	-------------------------------

Estremadura

Pragança	M. E. L.
S. Tiago de Cacém ..	M. E. L.
S. Tiago de Cacém (molde)	A. P., XXI, 342.

Alentejo

Évora	M. E. L.
«Da região do Alentejo» ..	M. E. L.
Mértola	M. E. L.; L. V., 1915, est. IV, fig. 31.

ESPAÑA

Astúrias

Castropol	M. A. N.; Pidal, fig. 632.
Castropol	British Museum, Londres; P. S. A. L., 2. ^a série, p. 156.
Ponga	Colec. Posada, Cangas de Onis; Pidal, p. 811.

«Da região de Astúrias»
(molde de fundição) ..
Miranda.. .. .

Colec. Posada; Pidal, *ib.*
P. S. A. L., 2.^a série, XXXI,
p. 156, fig. 1, 5.

Foices de lâmina lisa

ESPAÑHA

Galiza

Monte de Santa Tecla
(Pontevedra)

B. S. E. A. A., 1944-45, 36,
est. XLV.

León

Monte de las Verdes (2ex.)

M. A. L.; *Corona*, 137 ss.;
Pidal, fig. 631.

Espadas pistiliformes, com a base do espigão em forma de U invertido

PORTUGAL

Alentejo

Safara

M. E. L., Almagro, fig. 17, 8,
est. VI, 8.

«Da região do Alentejo»..

M. E. L., *ib.*, fig. 17, 9.

ESPAÑHA

Astúrias

Sobrefoz, Ponga (com um
punhal de antenas) ..

Almagro, fig. 17, 2, est. VI, 2.

León

La Cabrera (no *M. E. L.*)..
Rio Esla.. .. .

Corona, 138.
Museu Arq. de Barcelona;
Almagro, fig. 17, 6, est. VI, 6.

«Da região de León» ..

M. A. L.; *ib.*, fig. 17, 5,
est. VI, 5.

Castela Velha

«Da região de Segóvia»..

Colec. Gomez-Moreno, *ib.*,
fig. 17, 3, est. VI, 3.

Aragão

- Alhama de Aragón.. .. Colec. Cerralbo, Madrid; *ib.*,
fig. 17, 4, est. VI, 4.
Zaragoza Colec. Conde de Azlor, Zارا-
goza; *ib.*, fig. 17, 7, est. VI, 7.

Estremadura

- Montijo (esconderijo) .. Museu de Mérida; *Amp.* V,
277 s.

Andaluzia

- Vado de Mengibar (Jaén). R. A. M.; *ib.*, fig. 17, 1,
est. VI, 1.

Espadas do modelo de «língua de carpa»
ou «gota de cebo»

PORTUGAL

Trás-os-Montes

- «Do Vale de Tâmega»
(fragmento).. .. M. G.; *R. G.*, XII, p. 185.

Beira Baixa

- Teixoso (Covilhã) Colec. Eusébio, Lisboa; Leite
de Vasconcelos, *Antiguidades do Concelho da Covilhã*, 11, fig. 5.

- Ervedal (fragmento, num
escond.) Museu de Castelo Branco;
B. A. S. E., 1946, 159, ss.

- Porto do Concelho, Mação
(frag. num esconderijo). *Brot.* XXXVIII, 3.

Estremadura

- Fieis de Deus, Bombarral
(tipo recente; num es-
cond., com um machado
de alvado) M. E. L.; *A. P.*, XXIV, 193.
Columbeira (fragmento).. M. E. L.

Alentejo

- Elvas (tipo recente) .. M. E. L.; Siret, 1913, fig. 156, 2.
«Da região do Alentejo»
(tipo recente) (2 ex.).. M. E. L.; Almagro, fig. 19, 5-6.
«Da região do Alentejo?»
(tipo recente) Museu de Évora.

ESPAÑHA

Gallza

Hio, Pontevedra (tipo recente; esconderijo com machados de talão e alvado, de uma só aselha).

Almagro, fig. 22.

Astúrias

Oviedo (tipo recente; punhal)

Museu de Oviedo, *ib.*, fig. 18, 3.

Leão

Peña Amaya, Palência (tipo recente)
Paredes de Nava, Palência (punhal)

ib., fig. 18, 4.

M. A. N.; *ib.*, 18, 7.

Castela Velha

Ocenilla, Sória (punhal)..
«Da Meseta superior» (?) (punhal)

Museu de Sória; *ib.*, fig. 18, 6.

Museu do Inst. de Valência de Don Juan; *ib.*, fig. 18, 8.

Castela Nova

Siguenza (2 ex. do tipo mais antigo)

M. A. N.; *ib.*, fig. 19, 1-2.

Aragão

Roquizal del Rullo (molde)

ib., fig. 61.

Estremadura

Alconétar, Cáceres (de punho de bronze, solidário com a lâmina; tipo inicial)

M. A. N.; Pidal, fig. 612.

Andaluzia

Huelva (tipo inicial) ..

M. A. N.; Museu de Huelva; Almagro, 85, ss.

Marmolejo (tipo inicial) ..
Palma del Río, Córdoba (punhal)

ib., fig. 19, 4.

ib., fig. 18, 1.

Carmona (punhal)
Baeza (tipo recente) ..

Pidal, fig. 625.

M. A. N.; Almagro, fig. 19, 3.

Valência

Bétera, Sagunto (punhal etrusco)

Amp., IX-X, 286 ss.

Granada

Tabernas, Almeria (tipo inicial) British Museum de Londres;
Almagro, fig. 19, 9.

Ponteiras de bainhas de espada de «língua de carpa»

PORTUGAL

Estremadura

Pragança (castro) M. E. L.
Cabeço dos Orgãos, Alcaínça M. E. L.; *A. P.*, XXIV, 195.

Punhais do «tipo de Huelva»

PORTUGAL

Beira Baixa

Porto do Concelho, Mação (esconderijo) *Brot.*, XXXVIII, 3.
Ervedal (esconderijo) *B. A. S. E.*, 1946, p. 160, fig. 8.

Estremadura

Pragança (castro) M. E. L.
Columbeira (castro) M. E. L.
Maxial, Torres Vedras (castro) Colec. Belo, Maxial.
Porto de Mós Cartailhac, fig. 302.
Alvaiázere *Port.*, I, 135, fig. 4.

ESPAÑHA

Andaluzia

Huelva M. A. N.; Museu de Huelva;
Amp. II, 130, est. III.

Punhais do final de Hallstatt

(Excluindo modelos ibéricos locais)

ESPAÑHA

Galiza

Castro de Alcayas, Ortigueira (punho de bronze e lâmina de ferro) *B. R. A. G.*, IV, n.º 25, p. 1.

- «Região da Corunha» (todo de bronze).. .. . Colec. Angel del Castillo; Pidal, 809.
- Castro de Couboeira, Lugo (todo de bronze).. .. . *B. R. A. G.*, 1925, p. 302; Almagro, fig. 23, 6.
- Croa do Zonani, Mondoñedo Pidal, p. 809; Almagro, fig. 23, 5.
- Castro de San Ciprian das Lás, Lugo *B. R. A. G.*, 1925, 301, fig. 8-a.
- Citânia de Santa Tecla, Pontevedra (2 ex. com punho de bronze e lâmina de ferro) *B. S. E. A. A.*, 1944-45, p. 37, est. XLVI, a-b.
- Cuevas del Furco, Becerreá, Orense (todo de bronze) Museu de Lugo; *B. R. A. G.* 1934, p. 233.
- «Da região de Orense» (4 ex. todos de bronze).. .. . Pidal, 809; Almagro, fig. 23, 3.
- Astúrias*
- Tineo Bosch, n.º 99, p. 104.
- Sobrefoz, Ponga (todo de bronze) Almagro, fig. 23, 2.
- Castela Nova*
- Aguilar de Anguita, Guadalajara (todo de bronze) Almagro, fig. 24.
- Quintanas de Gormaz, Soria (ferro) Bosch, est. VI, 1.

Outros objectos do Hallstatt final

(Excluindo modelos ibéricos locais)

PORTUGAL

Beira

- Santa Olaia, Figueira da Foz (fivela de cinturão) Museu Santos Rocha, Figueira; *Port.*, 11, 301 ss.
- O Crasto, Figueira da Foz (fivela de cinturão) Museu Santos Rocha, Figueira; *ib.*

ESPAÑHA

Galiza

- Castro de Cespón, Arousa (fibula) *B. R. A. G.*, XVI, 32, fig. 10, 6.

León

Monte Bernorio, Palência (fibula) *Arte Español*, 1920, 1 ss.

Andaluzia

Acebuchal, Carmona (fibula de cinturão).. .. Colec. Bonsor; *R. A.*, 1899, II, 149.

Acebuchal, Carmona (peça de freio de cavalo) Cañal, *Sevilla Prehist.*, fig. 55.

Cerâmica com afinidades nos tipos franceses de Hallstatt II — La Tène I

PORTUGAL

Estremadura

Tanchoal dos Patudos, Alpiarça (necrópole) M. U. P.; *Anuario de Prehistoria Madrileña*, IV-VI, 125 ss.

Salvaterra (necrópole) M. E. L.

Almoster (necrópole) M. E. L.

Santarém (necrópole) M. E. L.

Pragança (castro) M. E. L.

Maxial, Torres Vedras (castro) Colec. Belo, Maxial.

Quinta da Macheira, Torres Vedras (castro) Colec. Belo, Maxial.

Alentejo

Abrunheira, Portalegre (necrópole) M. E. L.

ESPAÑA

Meseta Superior

El Redal, Logroño (necrópole) Museu de Soria; *Amp.* I, 145 s., est. I, II.

Monteagudo de las Vicarías, Soria (necrópole) *M. J. S. E.*, 119, est. XXIV.

Quintanas de Gormaz, Soria (necrópole) M. A. N.; *Amp.*, I, 148, est. V, 1.

Las Cogotas, Avila (necrópole) *ib.*, est. V, 3.

Andalusia

- Los Millares, Almeria (necrópole) Siret, 1893, fig. 308.
 Los Caporchanes, Almeria (necróp.) Siret, 1907, 430, figs. 32, 7-9.
 Las Alparatas, Almeria (necróp.) *ib.*, fig. 32, 10.
 Parazuelos, Almeria (necrópole) Siret, 1888, est. 6, 1-2.
 Caldero de Mojacar, Almeria (necrópole) *ib.*, est. 12.
 Querenima, Almeria (necrópole) *ib.*
 Barranco Hondo, Almeria (necrópole) *ib.*
 Almizaraque, Almeria (necrópole) Siret, 1907, p. 429, fig. 32, 1-2.
 Cabezo Colorado, Vera, Almeria (necrópole) *ib.*, p. 430, fig. 32 3-6.
 Setefilla, Lora del Rio, Sevilla (necrópole) *Bibl. de l'Ecole des Hautes Etudes Hisp.*, Bordeus, fasc. XIV, 1928, 14 ss.

**Material encontrado nalguns dos principais
 « esconderijos » ou « entesouramentos »**

PORTUGAL

- Ervedal*, Castelo Branco. No Museu de Castelo Branco (Bibliografia: *B. A. S. E.*, 1946, p. 156 ss.). Consta de: Seis machados de talão, de aselha única, com nervura média na folha, e vários fragmentos de outros; parte de um punhal, com duas aberturas paralelas na lingueta ou espigão do punho, semelhante a um modelo de Huelva; fragmentos de uma espada de «língua de carpa»; bolos de fundição de bronze.
- Porto do Concelho*, Mação, Beira Baixa. No Museu Municipal de Mação. (Bibliografia: *Brotéria*, XXXVIII, 1944, fasc. 3). Consta de: Dois machados de talão, com uma só aselha; duas foices do «tipo de Castropol»; três lanças com encabamento de alvado; cinco fragmentos de espadas, provavelmente do tipo «língua de carpa»; dois punhais do tipo dos achados em Huelva; onze argolas completas e quatro incompletas.
- Casal dos Fieis de Deus*, Bombarral. No Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcelos, Lisboa. (Bibliografia: *O Archeólogo Português*, XXIV, 193-194). Consta de: Uma espada completa, de «língua de carpa», e um

fragmento de outra; uma folha de lança incompleta, de vasado circular; um punhal com espigão e dois furos para os rebites; seis braceletes penanulares, semelhantes a um do esconderijo de Hio (Pontevedra).

ESPAÑHA

Huerta de Arriba, Burgos. No Museu de Valência. (Bibliografia: *Actas y Memoriais de la Soc. E. A. E. P.*, XVII, p. 127 e ss.). Consta de:

Um machado de talão, com uma só aselha; dois machados de talão com duas aselhas laterais; uma folha de lança, de alvado; um punhal de lâmina em forma de folha, ou pistiliforme, com um só furo de rebite no espigão; quatro navalhas de barbear, três das quais do tipo costeiro francês, e uma de forma rectangular, com motivos angulares de «encanastrado» incisos a meio da folha, no sentido longitudinal; uma faca; um punção; dois braceletes; duas vasilhas feitas de chapas de bronze ligadas por meio de rebites, uma delas de forma globular e bordo revirado para fora, outra de forma achatada e boca larga.

Huelva, Andaluzia. No Museu Arqueológico Nacional de Madrid e no Museu de Huelva. (Bibliografia; *Amurias*, II, p. 85 e ss.). Consta de:

Numerosas espadas com lâmina de «lingua de carpa», inteiras e fragmentadas; espadas com punho maciço de bronze; punhais de lingueta, de vários tipos; folhas de lança, na maior parte do tipo normal, com furo para o prego de fixação à haste de madeira, algumas semelhantes a estoques, mas com o furo de fixação, e uma com cavados na folha em forma de meia lua, do tipo irlandês; ferrões ou conteiras cilíndricas, com botão terminal; pontas de seta; anéis e botões; anéis duplos e triplos ligados por uma barra; fíbulas do modelo «sículo»; um alfinete com cabeça discoide; duas placas de cinturão semelhantes às do final de Hallstatt; fragmentos de caldeiros ou urnas de bronze.

Hio, Pontevedra. No Museu de Pontevedra (Bibliografia: Obermaier, *Impresiones de un viaje por Galicia*, in «Bol. de la Comisión de Mon. de Orense», 1923, p. 28). Consta de: Seis machados de talão com uma só aselha; dois machados de alvado, um dos quais do modelo bretão, com o vasado de secção quadrangular, uma triplíce moldura na boca e sem aselhas laterais; três folhas de lança de alvado; dois braceletes lisos, um deles algo semelhante aos de Huerta de Arriba; fragmentos de um caldeiro ou urna; fragmentos de uma espada de «lingua de carpa»; fragmentos de instrumentos vários.

(Trad. do inglês por Mário Cardozo)